

5

As famílias na construção do *habitus* escolar

Há uma vasta produção que analisou e discutiu as mudanças que ocorreram nas famílias (Bourdieu, 1989; 2011a; Singly, 2007; Ariès, 1981, e outros), enfatizando a necessidade de se caracterizar e contextualizar as posições e classes sociais, na medida em que estas atuam enquanto instância primordial no processo de socialização, sendo importantes para a compreensão das desigualdades sociais e educacionais. Tal premissa sobre a importância de se considerar a origem social e a posição de classe hoje continua a nos impulsionar a novas investigações, pela força dos novos arranjos familiares e das influências midiáticas, por exemplo, ‘ditando’ a necessidade de concebermos as famílias em uma definição ampla e plural. As famílias se modificaram, a relação entre pais e filhos também. Este contexto de transformações, de ‘mães’ inseridas no mercado de trabalho (e muitas vezes sobrecarregadas com a sobreposição de tarefas), colaborou ainda mais para a mudança na forma como os homens concebem e vivem a paternidade. Além disso, novos contratos de trabalho, com a flexibilidade de horários e variação nas formas de dedicação, que fizeram pais e mães a trabalharem em casa ou passarem semanas longe das famílias, são aspectos que devem ser considerados nas rotinas e disposições que crianças e adolescentes passaram a desenvolver.

A mudança no perfil do alunado não poderia ser diferente. Novos hábitos e interações se desenvolveram; e ainda que estes estudantes apresentem marcas de classe e posições dentro das diferentes camadas sociais, sistematizados por diferentes estudos (Bourdieu, 2011a, 2007b; Silva e Hasenbalg, 2002), as experiências dos mesmos sugerem espaços desconhecidos que se convergem em verdadeiros dilemas para famílias e agentes escolares. Canedo (2011: 2) ao analisar reportagens jornalísticas que flagram alguns dos dilemas e conflitos com que famílias e escolas tem se deparado aponta como os alunos mudaram, passando de “dóceis e aplicados” a “adolescentes questionadores”. Alguns pesquisadores (Sposito, 2005; Sposito e Carrano, 2003; Dayrell, 2002 e outros) tem buscado caracterizar a relação atual da juventude com a escolarização, problematizando muitas questões e anseios dos estudantes em uma sociedade que passa por constantes mudanças econômicas e políticas. Num contexto no qual se alteram as relações e expectativas, pairam antigas questões: a procura por sentido nas atividades escolares, a reclamação da sobrecarga

de disciplinas, o suposto desinteresse pela leitura⁴⁰, que alimentadas pela fidelidade a algumas crenças, fazem parte do repertório de muitos professores e pais, bem como do próprio meio acadêmico.

Setton (2009: 306) desenvolve um argumento em que propõe que a socialização/educação pode ser concebida como um *fato social total* (Mauss, 1974 *apud* Setton), de modo que o apreendamos como “fruto de um trabalho individual e coletivo”. O que em outras palavras, seria atentar para os aspectos relacionais do processo educativo, levando em conta a “participação do sujeito social” e outras dimensões sociais (econômica, política, moral, estética) para a formação do *habitus* (*idem*, p. 297). A autora atenta para a necessidade de:

[...] compreender o fenômeno da socialização contemporânea como um fato social total, isto é, uma prática social vivida por uma dinâmica processual, fundada na troca de bens e mensagens simbólicos entre instâncias socializadoras e agentes sociais, prática que envolve simultaneamente a todos, em todas as dimensões da vida dos agentes e tem como tarefa manter o contrato e o funcionamento de um consenso social na unidade da ação individual. (*idem, ibidem*)

Na socialização/escolarização dos adolescentes novos agentes de socialização, a disponibilidade da televisão e do computador (que veremos nas entrevistas, é apontado como a principal distração dos estudos), a influência de livros e filmes a partir destes instrumentos de comunicação em massa, interações nas redes sociais e toda uma cultura da internet vão delineando as disposições dos adolescentes e fazendo com que as famílias levem em conta estes novos hábitos. A partir dos novos hábitos surgiriam “novos estilos de cognição”? Esta é uma das hipóteses elaboradas por Brandão (2005: 6), a partir da pesquisa com estudantes de escolas de prestígio, argumentando a ideia de que os jovens não seriam desatentos e desinteressados, mas de que influenciados pelas novas tecnologias e pela mídia, estariam apresentando “modificações nos padrões de cognição”. Tensões como essa estão representadas nos depoimentos de pais e alunos que entrevistamos.

Na análise das entrevistas de alguns agentes escolares (coordenadores pedagógicos e diretores) percebemos um movimento da escola em buscar aspectos do cotidiano dos alunos que possam ajudar a construir um diagnóstico das principais dificuldades. Na escola privada tal movimento parece acontecer de forma sistemática,

⁴⁰ Em um trabalho anterior (Xavier, 2009) discuti a inapropriada abordagem dos professores, da família e das mensagens veiculadas pela mídia de que os jovens não apresentariam interesse pela leitura. No referido estudo, identificamos uma variedade de interesses de leitura destes alunos e o trabalho pedagógico das escolas para estimular este hábito.

devido à infraestrutura existente. Na escola pública também identificamos na fala da diretora e no trabalho realizado pelo coordenador pedagógico um incômodo com o estilo docente ‘afastado dos alunos’, o que pode sustentar a hipótese de que nessas escolas, os agentes já se encontram sensíveis a essa realidade, ainda que também apresentem objeções ao estilo de vida dos adolescentes e busquem diferentes estratégias para inseri-los na cultura escolar que propõem.

O que ainda nos falta na pesquisa sobre as estratégias familiares nos processos de escolarização? O conhecimento dessas estratégias das famílias em escolas de reconhecida qualidade, procurando compreender como estas dialogam com as instituições de ensino e principalmente quais hábitos e rotinas estruturam a construção destas disposições escolares tem sido nossa ambição. Sayão (2011) em um ensaio instigante sobre as famílias contemporâneas trata especificamente sobre as relações destas com os filhos e a escola, levantando a questão do desconhecimento das culturas familiares pelos agentes pedagógicos. A autora discute a legitimidade das interferências escolares neste contexto, ressaltando a autoridade e o domínio que as escolas podem exercer. *Como podemos caracterizar estas interferências?* Ao entrevistar pais e mães de escolas públicas e privadas, entramos em contato, ainda que de forma exploratória, com diferentes culturas familiares, numa tentativa de nos aproximar um pouco do contexto de produção das “disposições híbridas do *habitus*⁴¹” (Setton, 2011) *escolar*⁴² em diferentes contextos familiares.

Neste capítulo, analisaremos trechos de entrevistas nas quais os pais nos descrevem suas rotinas. Os pais que participaram desta fase da pesquisa pareciam nos ver como pessoas aptas a ouvirem os dilemas que viviam, reconhecendo muitas vezes a necessidade da discussão que estávamos propondo. Este aspecto e o fato de todos os entrevistados terem se voluntariado são indicadores do engajamento destes pais no processo de escolarização dos filhos. Veremos suas concepções de educação e críticas que fazem sobre a escola. Aspectos estes que nos ajudaram a contextualizar nosso principal objetivo neste estudo em relação às famílias, que é delinear a forma de participação familiar na construção das disposições.

⁴¹Setton (2011, p. 722) ao caracterizar as “evidências de um hibridismo cultural” provoca a realização de pesquisas que se debrucem sobre “casos concretos de articulação de sentidos vividos e expressos por uma experiência individual”, questionando ao mesmo tempo a possibilidade de se “compreender o imbricado e conflituoso processo de construção das disposições híbridas do *habitus*”.

⁴² Grifo meu.

Os pais se voluntariaram para as entrevistas ao final das reuniões de pais em cada escola. Nós apresentávamos a pesquisa aos pais, introduzidas anteriormente pelos profissionais que coordenavam a reunião. Foram distribuídas listas, nas quais os pais inseriram nome, e-mail e telefone. Sugerimos que as entrevistas acontecessem em casa, na escola ou na universidade. Na escola privada, os locais de entrevista variaram mais (Quadro 41)⁴³, tendo duas, inclusive, acontecido no local de trabalho das mães. Após entrevistarmos estes pais, solicitávamos deles autorização para entrevistar seus filhos. Todos autorizaram e muitos demonstraram interesse para que os filhos discutissem as rotinas escolares. A maioria dos pais da escola privada disse que a entrevista deveria acontecer mediante aceitação do filho e um entre estes pais (*Gustavo*, 52 anos, engenheiro) foi bastante insistente neste ponto, dizendo que sua filha deveria aceitar conceder a entrevista. Para ele, seria muito difícil que levássemos adiante este tipo de conversa com os adolescentes.

Na escola pública esta dinâmica foi diferente, e as mães, além de autorizarem prontamente a participação dos filhos para a entrevista, aceitaram pelos filhos, numa atitude que pode ilustrar a presença da autoridade materna nestas famílias e de um relacionamento mais vertical com os jovens.

Estes contextos iniciais assinalaram precocemente os estímulos familiares distintos e as diferenças entre as disposições escolares identificadas entre os alunos da escola privada e da escola pública. Almeida (2012: 1), em um trabalho que explora a contribuição das crianças e das interações entre elas “para a reprodução das posições de classe” reforça a importância de se considerar a origem social, na medida em que esta define as competências e disposições presentes nas relações das crianças com os adultos na escola. Em sua pesquisa, com crianças de dois e três anos de idade, em duas creches (uma pública e uma privada), a autora identificou diferenças nas disposições das crianças, tanto em sua forma de se expressar, quanto na maneira de se relacionar com os adultos. Entre as crianças das camadas médias, identificou que estas se expressavam com facilidade, opondo-se aos adultos e mantendo conversas de seu próprio interesse. As crianças dos grupos populares, por sua vez, tinham atitudes mais autônomas e independentes, demandando com isso menos atenção dos adultos, minimizando as

⁴³ Todos os nomes usados na identificação de pais e alunos são fictícios e aparecerão grafados sempre em negrito ou *italico*.

interações em que se estimulam “competências valorizadas pela escola” (*idem*: 13). Sabemos que as disposições escolares – *habitus* escolares – sofrem os constrangimentos sociais, neste sentido, falta-nos investigar as formas como as famílias de diferentes origens sociais atuam na formação e manutenção destas disposições.

Quadro 41: Perfis dos pais entrevistados na escola privada

Responsável/Idade/ Estado Civil	Profissão/Ocupação	Local de entrevista	Bairro onde reside
1. Rita, mãe, 47 anos, divorciada	Antropóloga com pós-graduação: pesquisadora em uma instituição pública	Escola	Laranjeiras
2. Ítalo ⁴⁴ , pai, 45 anos, casado	Jornalista, Mestre em Teoria Literária: tradutor autônomo	Casa	Flamengo
3. Silvia, mãe, 43 anos, casada	Advogada: juíza do trabalho	Casa	Lagoa
4. Zilda, Mãe, 45 anos, casada	Professora de Geografia: dona de uma creche	Trabalho	Laranjeiras
5. Lígia, mãe, 44 anos, divorciada	Bacharel em Informática e nutricionista, fazendo pós em clínica funcional, consultora em uma clínica particular	Casa	Laranjeiras
6. Gustavo, pai, 52 anos, casado	Engenheiro Civil, Doutor: pesquisador em uma empresa do ramo petrolífero	Casa	Cosme Velho
7. Nádia, Mãe, 42 anos, casada	Jornalista: editora em um jornal de grande circulação	Trabalho	Laranjeiras
8. Celia, mãe, casada*	Advogada: procuradora pública estadual	Escola	Laranjeiras

Fonte: Elaboração própria. * Durante esta entrevista não se perguntou a idade.

O viés presente na marcação das entrevistas, sinalizando parte da participação destes pais na vida escolar ocorreu principalmente na escola privada. Na escola pública (ver Quadro 42), o mesmo mecanismo foi utilizado, porém durante o processo, foi ficando mais difícil contatar os pais por telefone, que diziam não ter tempo⁴⁵. Assim, quando entrevistávamos uma mãe, pedíamos a indicação de outros pais. Durante este período, quando sentimos dificuldade em contatar os pais, também tivemos indicações da direção da escola. Esta forma de indicação nos possibilitou que na escola pública entrevistássemos alunos

⁴⁴ A esposa de Ítalo, Ângela, chegou a casa no decorrer da entrevista e também foi inquirida.

⁴⁵ Uma mãe chegou a marcar conosco e não comparecer.

reconhecidos como muito engajados. Vale destacar que todas as mães entrevistadas estiveram presentes nas reuniões de pais ao longo do ano.

Quadro 42: Perfil dos pais entrevistados na escola pública

Responsável/Idade/ Estado Civil	Profissão/ Ocupação	Local de entrevista	Bairro onde reside
<i>Tereza</i> , Mãe, 42 anos, viúva	Enfermeira: atua em dois hospitais do município (público e particular)	Escola	Glória
<i>Deise</i> , mãe, 45 anos, casada	Bacharel em Música: cantora autônoma em festas e casamentos	Escola	Botafogo
<i>Adriana</i> , mãe, casada*	Química, com Mestrado na área: não trabalha	Escola	Botafogo
<i>Flávia</i> , mãe, 44 anos, casada	Ensino fundamental completo: vendedora ambulante	Escola	Botafogo
<i>Joana</i> , mãe, 40 anos, casada	Ensino fundamental completo: empregada doméstica	Escola	Santa Tereza
<i>Paula</i> , mãe, casada, 40 anos	Ensino fundamental incompleto: diarista	Casa	Botafogo
<i>Úrsula</i> , mãe, casada, 43 anos	Ensino Médio completo: dona de casa	Escola	Urca
<i>Estela</i> , responsável legal, divorciada, 76 anos	Ensino Médio completo/secretariado: inspetora de alunos aposentada	Escola	Botafogo

Fonte: Elaboração própria. * Durante esta entrevista não se perguntou a idade.

Como podemos observar no quadro acima, apenas uma mãe foi entrevistada em casa. A maior parte famílias recusou prontamente abrir as portas de casa para as entrevistas e algumas mães disseram que não se sentiriam à vontade. Um dos objetivos que era o de observar as moradias, a fim de caracterizar melhor as rotinas, não se realizou como na experiência com as famílias da escola privada, na qual conseguimos observar quatro residências (Quadro 41). Foi indicada a presença de outros familiares residindo nestas casas (avós, tios, cunhados), que aliado à cerimônia conosco parecem ter motivado esta recusa. A dificuldade da pesquisa educacional com as famílias é um aspecto recorrente nas pesquisas sociológicas. Pudemos identificar que a dificuldade em ‘acessar’ alguns pais também parece ter ocorrido em virtude dos diferentes estilos de vida destas famílias na cidade como o Rio de Janeiro.

Passadas as dificuldades iniciais da logística de marcação das entrevistas, os pais em geral se mostraram disponíveis para a conversa. A maioria demonstrou

estar bastante interessada e compreender nossos objetivos. Convém destacar o quanto da relação destas famílias com os jovens pôde ser evidenciado durante estas conversas, nestes momentos a origem social e posição de classe também vieram à tona, diferenciando as concepções e atitudes dos pais sobre o papel da escola no futuro dos seus filhos, entendido em termos de ascensão social.

Os dados das entrevistas com os pais nos possibilitaram ampliar a compreensão das rotinas destes meninos e meninas: *Quais são as diferenças e semelhanças nestas percepções?* A partir dos dados das entrevistas pudemos cotejar como os pais percebem os seus filhos enquanto alunos, por outro lado, pudemos caracterizar⁴⁶ como estes estudantes percebem as influências familiares nos hábitos escolares. Questões importantes guiaram a análise dos depoimentos dos pais: *O que pode ser evidenciado nas rotinas e comportamentos das famílias sobre a construção e manutenção do habitus escolar? Como se constroem os limites e as parcerias nas atividades diárias?* Aspectos importantes e detalhes da complexidade destas relações estão ilustrados nas falas dos pais e mães, que muitas vezes usaram o momento da entrevista para o desabafo, para pedir conselhos, muitos demonstrando aspiração para a compreensão de problemas e conflitos reconhecidos e que assumiam conosco necessitar de muita reflexão.

Estas entrevistas com os pais foram feitas em dupla e produziram insumos para dois estudos diferentes, ‘braços’ de uma pesquisa⁴⁷. O mesmo roteiro de entrevista foi utilizado por mim com os pais da escola pública e da escola privada (Anexo 3). Minha companheira de pesquisa fazia as perguntas de seu roteiro e posteriormente eu fazia perguntas aos pais, com foco nas rotinas, nas formas de participação das famílias nestas rotinas, investigando também as expectativas sobre a escola e sobre o futuro dos filhos. A entrevista foi semiestruturada.

Na interpretação dos depoimentos, nossa intenção foi a de trazer integralidade e outros elementos que potencializassem a conjuntura da entrevista. A inspiração metodológica para a análise de conteúdo das entrevistas de pais e alunos teve origem nos trabalhos de Bourdieu, em especial os reunidos na obra *A Miséria do Mundo* (2011b), na qual o autor, ao mesmo tempo em que interpreta e analisa uma

⁴⁶ As entrevistas dos alunos serão analisadas no capítulo 5.

⁴⁷ O outro trabalho (Canedo, 2009) tem como objetivo estudar as relações dos pais com as escolas de prestígio e o seu papel na construção da qualidade de ensino nestas escolas.

diversidade de casos, sistematiza os constrangimentos envolvidos nesta tarefa, sem a intenção de fazer desaparecer a intervenção do analista – sociólogo.

Procuramos destacar na análise destas entrevistas regularidades nos comportamentos dos pais, elencando também as excepcionalidades, cotejando os padrões de comportamento destas famílias, na perspectiva das homologias proposta por Bourdieu (2004). Isso não significa que iremos comparar diretamente realidades tão distintas, mas enfatizar as disposições, rotinas e valores das famílias, apontando adaptações ou inaptações às propostas das escolas. Na entrevista dos pais veremos especialmente as rotinas, os estímulos, ensinamentos, as conversas, o acompanhamento e monitoramento das rotinas escolares para depois nas entrevistas dos alunos, ‘alcançarmos’ as disposições que os estudantes apresentam e tentar reconstruir estas ações sob a perspectiva dos mesmos.

Inicialmente vamos destacar a forma como estes pais avaliam as escolas. Quando fizemos esta pergunta, os pais deixaram transparecer suas estratégias educativas, expectativas e limites, bem como evocaram as possibilidades de concretização destas expectativas. Este padrão de comportamento foi sugerido por Bourdieu em diferentes trabalhos (2007b, 2007c, 2011a), quando caracterizou o horizonte ou universo dos possíveis, que sintetizam comportamentos, impressões e projeção de perspectivas de um indivíduo, dentro do que este concebe como possível para si e para os seus. Mesmo entre indivíduos com diferenças marcantes em termos de escolaridade, os pais da escola pública e as mães da escola privada apresentaram-se como *consumidores especializados* (Ballion *apud* Singly, 2007: 56), conhecendo a instituição escolar, sua filosofia e referências. A ideia de adequação do filho ao projeto escolar, por exemplo, foi um aspecto presente entre os pais da escola privada. Para as mães da escola pública, é o adolescente quem deve se adequar às regras, ainda que a crítica e insatisfação com alguns aspectos da escola apareçam com força; as opiniões dos estudantes não devem se sobrepor à estrutura básica de funcionamento e à autoridade dos profissionais da escola.

Na escola privada, houve uma tendência geral dos pais gostarem do diretor, principalmente quando evocaram os aspectos de certa informalidade que experimentam no tratamento individualizado conferido aos filhos, no reconhecimento das diferenças e de pertencimento a determinada família. Uma sensação em comum que perpassou as conversas refere-se às normas e regras da escola que não parecem muito claras para os pais e cujo cumprimento não ocorre

como deveria entre os alunos. A postura da escola que não assume um tom autoritário, mas o do diálogo e convencimento fraterno causa tensão entre a maior parte dos pais, que gostaria de uma postura mais incisiva da escola, que por sua vez se nega, conclamando o auxílio da família para a manutenção desta filosofia.

Todos os pais da escola privada dizem gostar da instituição e da proposta de educação que apresenta. Ainda que peçam mais autoridade todos destacam a liberdade e tolerância vivenciada nos espaços e nas salas de aula. Chama a atenção de muitos pais, a forma como os alunos podem se expressar e emitir opiniões, o comportamento e clima de amizade que percebem quando vão à escola. Os pais entrevistados também destacam que este é um colégio católico diferente, que tem foco no aluno, que apresenta um espírito comunitário e que ensina valores para a vida, que oferecem outras formas de conhecimento que serão úteis aos filhos no futuro trabalho, ensinando, sobretudo, o gosto pelas diferentes formas de manifestação cultural, a música, as artes, o teatro. Tais aspectos que definem esta escola privada e que estão diretamente relacionados ao *habitus* escolar são muito semelhantes aos destacados por estudos que se dedicam a investigar as chamadas escolas de elite ou de prestígio (Cookson & Persell, 1985; Almeida & Nogueira, 2002). Carinho, cuidado e transparência foram alguns dos adjetivos usados para ilustrarem o trabalho pedagógico da escola privada:

Zilda: [...] é uma escola que eu acredito sem maquiagem. Aquela escola que você entra e você sabe exatamente o que tá acontecendo, se está um dia calmo é um dia calmo, se está um dia confuso é um dia confuso. É uma escola em que as crianças falam mais do que a própria escola. [...] Não gosto de escola que você entra: é uma escola asséptica, uma escola que você olha, está tudo tão arrumado, tão direitinho, os murais são perfeitos, nenhuma criança correndo, nenhuma criança escapando, ninguém na contramão de uma fila, enfim, isso não me agrada.

Mais tarde veremos que estes mesmos aspectos aqui ressaltados parecem entrar em conflito, sendo motivo de preocupação para os pais um suposto excesso de liberdade e uma tendência para o ensino tradicionalista, que estimula a leitura dos clássicos, e que ao mesmo tempo não está levando em conta os novos hábitos de leitura na preparação das aulas, por exemplo. Veremos que há forte ambivalência neste tipo de expectativa entre os pais da escola privada:

Rita: Eu acho que com a educação, quer dizer, toda essa educação mais moderna, mais liberal e mais experimental, esse discurso da parceria e da cooperação, embora ele seja importante de fato, com relação ao estudo, a certos desempenhos e

posturas, [...], isso não serve pra tudo. Então, por exemplo, uma questão é a questão do uniforme escolar.

Apesar de gostarem da escola de forma geral, os pais da escola privada apontam alguns aspectos que devem ser melhorados. Três mães (*Rita, Sílvia e Lígia*) dizem que a rigidez e as normas são pontos que devem ser melhor trabalhados pela escola. Para pelos menos quatro pais (*Ítalo, Silvia, Gustavo e Nádia*), a inovação e o uso de novas tecnologias deviam ser explorados pelos professores. Estes pais percebem a escola como pouco atrativa para os filhos e entendem o certo desânimo que os meninos e meninas apresentam. As famílias gostariam de ver uma diversificação no estilo das aulas, apesar de parecerem compreender que não há como fugir totalmente de uma postura pedagógica tradicional⁴⁸:

Sílvia: O formato está pouco atrativo hoje em dia pros alunos. O que eu sinto dos meus filhos é que, por exemplo, eles adoram em casa ficar no computador, claro, e eles leem muito bem no computador, mas quando você passa para ler o livro, eles já têm uma dificuldade enorme porque acham muito chato. [...]. E na escola, basicamente, eles têm que escrever e ler livros, não é? Não tem muita coisa informatizada. Acho que as escolas tinham que investir mais no conhecimento informatizado, no conhecimento mais moderno, adaptado ao instrumento que eles hoje manejam com muita facilidade.

Ao avaliarem a escola, os pais explicam prováveis componentes do *habitus* que são trabalhados por esta instância ou aqueles que acham que deveriam ser. De uma forma ou de outra, seus valores e expectativas sobre a escolarização dos filhos são ressaltados junto com frustrações e fracassos que envolvem este processo. Aqui aparece muito sobre o que os pais esperam da escola, o que pensam sobre educação e ensino. Convém sobre este aspecto, destacar o quanto os pais da escola privada sabem diferenciar a educação do ensino.

Gustavo: E um colégio que eu chamo mais liberal é um colégio mais tolerante, mais aberto a essas diferenças, mais relaxado [...]. É um pouco também como vale na educação, estilo de educação de pais com os seus próprios filhos. Têm pais que fazem um tipo de educação mais rígida assim: Olha, aqui em casa ver televisão só pode ver tantas horas por dia, não sei o quê. Pode isso, outro não pode...

Na escola pública, ao analisarmos as entrevistas percebemos que alguns elogios e reclamações importantes geralmente aparecem no decorrer da conversa e

⁴⁸ Algumas destas falas caminham na direção do discurso das indústrias e empresas de que as bases do ensino devem mudar. Os especialistas que trabalham para estes setores reconhecem que o conhecimento escolar deveria atender algumas demandas: o domínio da área de exatas, a maior ênfase em línguas e o desenvolvimento de outras habilidades do tipo *soft skills*, tais como empreendedorismo, proatividade, sociabilidade.

de forma mais indireta. Entre estas mães, um ponto que prevaleceu quando pedimos que analisassem o trabalho da escola foi o elogio à dedicação da direção. Para elas, o desempenho da escola e dos alunos está diretamente ligado à figura da diretora, que está à frente da escola há muitos anos.

Todos os pais afirmam gostar da escola e reconhecem a diferença positiva na qualidade do ensino ao compararem esta unidade com outras da rede pública municipal. Outros pontos que são elogiados por sete das oito mães entrevistadas é o fato da escola estar sempre aberta aos pais, que podem, sem a necessidade de horários agendados, falar com o coordenador, diretoras e professores. Na maior parte das vezes em que estas mães elogiaram a direção também exaltaram à atuação dos professores. Pelo menos quatro mães (*Adriana; Tereza; Estela e Úrsula*) citam o acompanhamento e dedicação docente. Neste item, o trabalho da direção também está presente, na ideia de que se conhece o problema de cada aluno e de que há sempre um movimento da escola para a resolução destes problemas:

Estela: [cita nome da diretora] não é só diretora da escola. Tem vezes, se tiver alguma coisa aqui em cima ela sobe até na escada e vai ali pegar. [...] Supervisiona tudo dentro da escola. Ela é uma pessoa atuante e não mede sacrifício. Se ela chegar aqui e tiver uma carteira quebrada que seja fácil de consertar, ela sai consertando a carteira. Falta professor, dá aula no lugar do professor. [...]. Aluno falta, eles vão para o telefone, chamam o responsável.

Da mesma forma, todos apontam aspectos importantes que precisam ser mudados. Quatro mães (*Tereza; Adriana; Paula e Úrsula*) fazem críticas ao trabalho de alguns professores, levantando dúvidas sobre o engajamento, destacando formas ineficientes de dar aula e as faltas. É interessante notar o papel que os alunos desempenham nesta percepção das famílias. À escuta atenta e participativa das mães está associado um aluno que reporta criticamente a atuação de seus professores e que atua na manutenção desta qualidade:

Adriana: A situação era a seguinte (risos), dentro de sala ele não dava aula. Ele ficava mais brincado com o laptop dele, não dava aula, chutava a matéria, e o aluno não entendia bem aquilo ali. Eu: Espera aí. Ficava difícil de assimilar aquilo ali. Como eu tenho uma formação que me dá as condições pra ensinar matemática, eu ensinava as minhas filhas, entendeu? Mas o caso era o seguinte, eu ficava pensando: E as outras crianças que não têm?

As mães entrevistadas, apesar de reconhecerem positivamente esta escola apontam uma série de problemas, que são extensíveis à rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro. Três mães (*Tereza, Paula e Úrsula*) falam da dificuldade

que existe em substituir professores quando algum fica doente, precisa de uma licença ou falte. Para estas mães a escola deve dispensar o professor que não ensina bem. Os problemas burocráticos e administrativos também são destacados, entre outros aspectos do sistema educacional que funcionam mal. Há reconhecimento da sobrecarga de trabalho entre os agentes escolares. Duas mães (*Deise e Joana*) também disseram que gostariam de ver outros pais mais presentes na escola.

Entre os aspectos infraestruturais, pelos menos três mães (*Deise, Úrsula e Paula*) fazem críticas extensas a algo comum nas escolas públicas, a uma espécie de cultura do imprevisto, que recai sobre o próprio planejamento e atividades da escola: a ausência de uma quadra esportiva, biblioteca, sala de vídeo, informática e outros espaços. Acrescido à ausência de espaços, a falta de pessoal qualificado para estas atividades e outros tipos de apoio (psicólogo, orientador educacional) foi apontado por uma das mães (*Flávia*, 44 anos, vendedora ambulante).

Todas as mães destacam em algum momento da entrevista que a abertura de oportunidades para os meninos e meninas em escolas melhores no ensino médio faz parte do critério para se avaliar se a escola é boa. Ao mesmo tempo, sete entre oito mães apontam que frequentar somente a escola não é o suficiente para que os filhos passem nas provas destes concursos. Apenas uma das mães disse que os filhos não precisariam fazer qualquer curso e que assistir as aulas e estudar em casa seria o suficiente para competirem por vagas nestas boas escolas:

Tereza: Eu pesquiso muito, então eu vejo que ela está sempre entre as melhores escolas de nome como o Pedro II. Ela não perde pra esses... E de algumas escolas particulares também. Eu acho o ensino daqui muito bom. Ela é bem conceituada. Ela está entre as dez melhores escolas públicas. Eu acho uma boa escola, apesar dos pesares. Tirando o professor de matemática, eu não tenho o que me queixar da escola.

5.1

Famílias na escola privada

Cento e oito pais responderam ao *survey* SOCED (2009) nesta escola pública e oito pais se voluntariaram para a entrevista no de 2011. Nesta seção analisaremos cinco categorias, que representam o conjunto de perguntas (Anexo 3) feitas aos pais. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em dupla, com roteiros diferentes, mas que dialogavam em muitos aspectos. Por este motivo, algumas vezes aparecerão perguntas adicionais feitas por entrevistadores

diferentes⁴⁹. Em alguns momentos traremos dados do *survey*, comparando as respostas dos pais no conjunto de escolas privadas pesquisadas e as respostas dos pais da escola privada, que nos ateremos neste estudo.

Você poderia me descrever a rotina do seu filho?

Quando os pais descreveram as rotinas, eles nos contaram também um pouco sobre suas formas de participação nestas rotinas, dizendo como é a dinâmica doméstica diária antes e após o período escolar. Metade dos pais entrevistados na escola privada (*Rita; Ítalo; Gustavo; e Célia*;) afirma observar os filhos estudando em casa e fazendo as tarefas, no entanto, não identificamos nas falas destes pais uma rotina diária consistente de estudos, sobre a qual pudessem nos fornecer informações, tais como, horário volume de tarefas feitas, tempo que permanecem estudando. Uma destas mães (*Célia*, advogada) nos diz ver o filho se dedicando as tarefas escolares, mas ao mesmo tempo, lendo diariamente outros livros e revistas não recomendados pela escola, usando o computador e vendo televisão:

Entrevistadora2: Como é o dia-a-dia dele? Você sabe o que ele faz quando volta da escola? Qual é a rotina?

Célia: Não. Às vezes eu trabalho em casa. Ele chega, é aquela coisa: Vai tomar banho agora, não vai tomar banho agora... Aí almoça. É computador, e conversa com o amigo no computador. [...] Dever. E fica. Ele lê. Ele divide. [...] Vou ver, ele tá com um livro lendo. Ele lê muito. Mas isso é dele. Agora, é difícil você controlar porque hoje acho que não tem um pai que não coloque um computador pro seu filho dentro do quarto. Não sei. Ou tem uma televisão. Hoje esses games são todos interagidos também, vai com televisão. Liga.

Entrevistadora2: Você diz que ele lê muito. Ele gosta de ler o quê?

Célia: É literatura. Romances. Quadrinhos. Gibi. Ele adora gibi. Gosta. Mas ele lê, lê jornal. Ele vê Jornal Nacional. Ele vê Fantástico pra se atualizar...

Os dados do *survey* (Quadro 43) indicam que 42,2% dos pais desta escola indicam que a frequência de estudo dos filhos é diária, valor um pouco menor daquele encontrado no conjunto de escolas (49,4%). Os outros valores ilustram a incidência com que estas atividades acontecem, mas não nos ajudam a compreender a dinâmica destas rotinas domésticas. Ao conversar com os pais na escola privada, percebemos que ver o filho lendo alguma coisa pode ter sido considerado como tempo de estudo, de forma semelhante, ver os meninos utilizando o computador nem sempre pode significar que estão em uma atividade não escolar.

⁴⁹ Quando indicamos “entrevistador 1” as perguntas foram feitas pela colega de pesquisa e em “entrevistador 2” as perguntas foram feitas por mim.

Quadro 43: Frequência de estudo em casa – pais escola privada

Com que frequência seu filho estuda em casa?	Rede Privadas	Escola Sete
Todos os dias	49,4%	42,2%
Duas a três vezes por semana	25,6%	30,4%
Uma vez por semana	1,9%	1,0%
Só em véspera de prova	21,6%	23,5%
Nunca	0,2%	0,0%
Não sei	1,3%	2,9%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

O envolvimento dos filhos com o computador, jogos eletrônicos e televisão é destacado pelos oito pais entrevistados na escola privada. Quatro pais dizem ver os filhos fazendo as tarefas ao mesmo tempo em que checam e-mails e redes sociais ou veem televisão. Em muitos momentos estes instrumentos são utilizados para interagir com os colegas sobre os deveres de casa:

Entrevistadora2: Ela estuda no computador?

Ítalo: Ela estuda. Ela troca informações de conteúdo de colégio com os amigos. Faz dever de casa junto, perguntado: Olha, essa questão e tal. Pelo bate-papo. Pelo facebook. Eles usam pra isso também. [...]

Rita: Quando é época de provas, se diverte no final de semana, mas tem que reservar um tempo pra estudar. Ela vê pouquíssima televisão. A televisão foi substituída pelo computador. Uma coisa que me dá certa aflição é que às vezes está ali com o computador ligado e está fazendo alguma coisa também de dever.

No entanto, alguns pais demonstram certa angústia e destacam ser mais complicado fazer com os filhos se desconectem. Quando perguntamos sobre as estratégias para regular a forma como os filhos ocupam os horários em casa, os pais apontam o desejo suspenso de organizar melhor este tempo e a dificuldade neste controle:

Entrevistadora2: Quando tempo ele passa na televisão, no computador? Quanto tempo ele estuda? Você tem essa noção?

Sílvia: [...] Quando volta da escola, ele sempre volta muito cansado, almoça e aí normalmente ele vai pro quarto, dorme um pouco [...]. Liga a televisão, às vezes o computador. O computador, eu limito o uso, mas é difícil porque eu não estou em casa todo dia, o dia inteiro. [...]. E eu sei que eles acabam usando à tarde e à noite. E o *Fábio*, se eu deixar, ele fica muitas horas no joguinho. Ele não usa redes sociais, é joguinho mesmo. Mas o joguinho é uma rede social porque eles acabam jogando em conjunto.

Ítalo (45 anos, jornalista) reitera a percepção de outra mãe (*Rita*, 47 anos, antropóloga) sobre a intensidade no uso do computador, que ocupou o lugar da televisão entre os adolescentes desta geração, reconhecendo a diferença entre estas práticas. Em uma pesquisa recente, o Comitê Gestor da Internet no Brasil⁵⁰ publicou dados instigantes sobre a relação dos jovens com a internet. O estudo aponta os adolescentes entre 13 e 16 anos, como os maiores usuários da rede, entre os jovens de 14 anos a proporção chega a 77%. A utilização da internet para a execução de tarefas escolares é apontada como a primeira atividade entre os usuários de 9 a 16 anos (82%), seguido do uso de redes sociais (68%), assistir vídeos (66%) e jogar e trocar mensagens (54%). Algumas iniciativas educacionais, no bojo do fascínio pela tecnologia, já começam a se manifestar. “Salas Digitais do Século XXI”, com o uso de lousa digital, câmera interativa, redes sociais, smartphones e tablets, já são realidade em algumas escolas paulistas⁵¹. Tais iniciativas não foram observadas nas escolas que investigamos.

Estaríamos passando por um fenômeno social semelhante ao apontado por Coulangeon (2007), agora associado ao computador? Em uma pesquisa que analisou os indicadores anuais de leitura dos franceses e o tempo semanal gasto para assistir televisão, o autor ressaltou a complexa relação entre a cultura de massa e a escolarização, tendo em conta a massificação do ensino secundário neste país. Para o autor, a crítica usual aos efeitos negativos de algumas práticas, como assistir TV, é incerta e que as percepções a respeito denotam a distância entre as práticas escolares e culturais, lembrando, inclusive, que nem sempre os leitores mais ávidos são bons alunos⁵².

Entrevistadora2: A televisão ocupa o mesmo tempo? O computador...

Ítalo: Não. O computador ocupa muito mais, para alegria do Bill Gates. Eu me lembro dele falando: O que você prefere? Que seu filho fique horas na frente da televisão ou que fique horas na frente do computador? O quê você acha que é melhor? Porque o computador tem essa coisa de interação, tem uma atividade.

⁵⁰ Os resultados da pesquisa TIC Kids Online Brasil – Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil (2012), com base em questionários para pais e crianças, apresentam comparabilidade internacional e estão disponíveis no site www.cetic.br.

⁵¹ Uma reportagem da Revista Época de São Paulo descreve alguns exemplos destes novos hábitos na escola (Disponível em: <http://epocasaopaulo.globo.com/vida-urbana/o-fascinio-da-escola-tecno/>).

⁵² No capítulo seguinte veremos como os alunos percebem esta crítica da escola, quando dizem que há uma má interpretação em relação ao uso do computador e as tensões que se estabelecem a partir daí.

Três mães (*Sílvia, Lígia e Nádia*) dizem não costumar ver os filhos fazendo as tarefas, dois deles apontam que o principal motivo de não verem é o fato de estarem no trabalho durante o dia, tempo em que acreditam que os filhos se dediquem a estas atividades. Duas mães (*Lígia e Sílvia*), quando afirmam não verem os filhos estudando fornecem indícios de uma rotina difusa, na qual não há tempo ou quando há disponibilidade não há mais vontade para o acompanhamento destas atividades. E também na qual se espera que os filhos tenham atingido um grau de independência para gerenciarem a própria rotina de estudos:

Entrevistadora2: Como é que ele estuda? Fala um pouco pra mim sobre a rotina dele.

Lígia: E eu sei lá como é que ele estuda. Ele fica no quarto dele. Fica lá. Ele diz que estuda. Ele diz que faz os deveres. Agora, ele já tem idade para ter responsabilidade pra saber que se não estudou, se não fizer o dever perde ponto do dever, então.

Entrevistadora1: Você não cobra isso? Deixa que ele gerencie isso?

Lígia: Eu falo. Não vou dizer que não. Eu cobro depois, no final. As notas que vieram no primeiro e segundo trimestres: Uma coisa horrorosa. Mas eu não sou o tipo de mãe que abre mochila, fica olhando.

Zilda (45 anos, professora de geografia) foi a única mãe que disse não acompanhar nunca os estudos da filha, não estudando junto e não a vendo fazer as tarefas. A mãe diz não se preocupar, pois sabe que a filha é autônoma, sua inquietação apresenta outro sentido, o da socialização com os amigos, aspecto que será analisado posteriormente.

Duas mães (*Rita e Sílvia*) dizem que os filhos costumam dormir depois da aula. Alguns pais apontam também que os filhos costumam dormir tarde da noite durante a semana. A dificuldade para despertar pela manhã é outro aspecto que aparece como um fator de dificuldade na rotina das famílias:

Rita: Entre 13h:15h e 14h:30h, ela fica ali deitadinha na cama, mas ela não dorme, ela dá aquela relaxada após o almoço, normal. Ou se ela tá muito atarefada, ela senta e já vai fazer alguma coisa. [...] com essa dificuldade dela de acordar, eu fiz um pacto: Eu não vou te acordar [...]. Então é o seguinte: Se você começar a faltar aula, você vai faltar. Se perder a matéria, você vai perder. Se repetir de ano, vai repetir de ano. Eu não vou, eu não posso mais tomar conta disso.

A frequência ao curso de línguas, geralmente inglês, é uma atividade semanal prevista na rotina de todas as famílias entrevistadas na escola privada. Três pais apontam a frequência dos filhos a atividades de esporte e dança e quatro pais descrevem atividades artísticas, principalmente relacionadas à música. Todos

sabiam nos apontar dias e horários destas atividades, que parecem ser feitas com entusiasmo pelos filhos. Nenhum dos pais deu indícios de que obrigassem os filhos a realizar tais atividades extraescolares. Os depoimentos oferecem as características de uma agenda cheia e de rotinas, em grande parte, estruturadas pelo próprio estudante, que escolhe as atividades extras e também os horários para execução das tarefas:

Entrevistadora2: Tem muitas atividades? Faz outras coisas?

Gustavo: Faz algumas coisas, não são muitas, mas ela faz algumas coisas. Ela faz inglês depois da escola e ela [...]. Outra coisa que ela faz é jazz. Agora tá com vontade de voltar com o piano. Fica mais ou menos a critério dela. Ela que se mobiliza, que quer fazer alguma coisa. A gente apoia, dá força e tal.

De que forma você participa da vida escolar do seu filho?

Nas formas de participação das famílias vemos as ações que estruturam e estimulam as rotinas. Os pais também lembram muito de suas próprias experiências escolares ao falarem sobre a participação na vida escolar de seus filhos, o que parece funcionar como um parâmetro para novas ações seja para repeti-las, seja repensá-las. Entre os itens explorados pelo *survey* pedimos aos pais que indicassem as formas de participação na escolarização dos filhos e sua frequência (Quadros 44 e 45). Os valores encontrados nos mostram a prevalência de atitudes com maior distanciamento no acompanhamento das tarefas escolares tanto na rede privada, quanto na escola selecionada. Todos os pais de alunos do nono ano dizem costumar *verificar* mais do que *ajudar nas tarefas* escolares.

Quadro 44: Verifica as tarefas escolares – pais escola privada

Verifico as tarefas escolares	Rede Privada	Escola Sete
Nunca	9,1%	6,9%
Raramente	14,7%	13,7%
Às vezes	25,9%	30,4%
Quase sempre	28,4%	27,5%
Sempre	21,9%	21,6%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

Quadro 45: Ajuda nas tarefas escolares – pais escola privada

Ajudo nas tarefas escolares	Rede privada	Escola Sete
Nunca	11,7%	5,8%
Raramente	26,6%	25,2%
Às vezes	38,1%	40,8%
Quase sempre	17,6%	16,5%
Sempre	6,1%	11,7%
TOTAL	100%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

Algumas diferenças aparecem nestas formas de participação, variando o grau de intervenção nas atividades, que podem apresentar a incidência de uma série de fatores, como tempo disponível dos pais, características da relação entre pais e filhos e outros aspectos que ilustram a estruturação do *habitus* escolar nas famílias. Interessava-nos buscar as referências para nossas hipóteses sobre a participação efetiva dos pais nas atividades escolares diárias. Uma forma de participação mais amena foi evidenciada na análise das entrevistas. Apenas dois pais (*Ítalo* [esposa] e *Gustavo*) na escola privada dizem estudar com os filhos e tirar dúvidas sobre as tarefas escolares, com mais frequência:

Ítalo: Eu não, mas a minha mulher, sim. Ela põe eles sentados aqui e: Sei! Não sei! Cadê? Revisou? Estudou? Acompanha direitinho porque sabe o que está sendo visto, sabe quais são as matérias, sabe onde eles têm dificuldade. Ela vai além [...]. Eu pergunto assim: Tem dever? Tem. Já fez? Vai fazer? Ah, vou fazer. E aí eu vou tocar as minhas coisas. Eu trabalho em casa, então se eu não me disciplinar a ficar sentado no meu computador trabalhando, e pra ficar cuidando deles eu não consigo trabalhar.

Para outros pais não há mais espaço para esta ajuda concreta na realização das tarefas escolares:

Lúgia: Eu já fiz isso, mas eu [...]. Já deu. Já fiz o que eu tinha que ter feito. Fiz até de mais. Eu acho que tem que aprender a andar sozinho, quanto mais cedo aprender, melhor. Isso é o que eu acho. Obviamente não vou deixar largado, mas [...]. Esse negócio de pegar pra olhar, pra ver. Quero ver. Diz que fez, quero ver se você fez mesmo. Isso eu não faço.

Os outros pais dizem apenas tirar dúvidas esporádicas, e que quase sempre quando isso acontece, a iniciativa vem dos filhos. Este é outro aspecto importante demonstrado na caracterização destas relações entre pais e filhos. Pelos menos

três mães (*Lígia, Célia e Nádia*) dizem tentar estudar junto ou se aproximar dos filhos quando fazem as tarefas ou estudam, mas que estes não permitem:

Sílvia: [...] eu acabo acompanhando muito pouco. Primeiro porque eles já não permitem uma proximidade muito grande com relação a: O que estão dando? Deixa eu ver o dever? O máximo que eu consigo é: Tem alguma coisa em atraso? Tá com alguma dificuldade? Tá precisando de alguma ajuda? E algumas vezes a resposta é não, outras sim. Por exemplo, ele está com dificuldade em matemática. Ele tinha uma defasagem mesmo de um colégio pro outro [...] porque nem sempre coincide, né? Aí ele está tendo aulas de apoio em matemática. Uma professora particular. [...] E pediu ajuda. Falou que não estava entendendo e precisava de aula.

Todos os pais entrevistados afirmam que as conversas sobre a escola e o tempo de dedicação ao estudo em casa são diárias e que esta e outras formas indiretas de participação são mais presentes nas rotinas do que uma ajuda propriamente para fazer as tarefas:

Zilda: Ah, conversando [...] você não tem mais muito atrativo, o filho já não procura tanto você pra tirar dúvidas. Coisas que eu nem sei. Quando ela entra na matemática e desenho, eu não sei nem o que ela está fazendo, eu não entendo nada. Mas a parte mais de história, geografia e português eu acompanho um pouco mais. A gente pega filmes pra ver. Ela gosta. Cada vez que um professor menciona um filme: Ah, vocês deviam ver isso. Ela sabe que eu gosto aí ela anota e a gente vê no fim de semana juntas. [...], mas não faço mais nada assim de sentar com ela, estudar. Eu só acompanho nota, prova. Pergunto diariamente o que ela deu, o que ela fez.

Os oito pais entrevistados e que se voluntariaram durante as reuniões escolares dizem frequentar estes encontros com assiduidade. Esta escola privada é reconhecida por estar disposta a receber os familiares para conversas. Coordenadores pedagógicos e supervisores são contatados por telefone ou por e-mail. Os encontros pessoais também acontecem, no entanto, são formalizados, com agendamento prévio e geralmente ocorrem em espaços reservados para este fim. Quatro dos pais entrevistados (*Rita; Zilda; Gustavo e Nádia*) dizem que costumam procurar e conversar com os coordenadores pedagógicos. Estes mesmos pais dizem conversar com os professores, chamando atenção para a forma como estes encontros são bastante mediados pela coordenação.

Podemos denominar como umas das formas de participação indireta, as conversas entre os pais de uma mesma escola. Ao interagirem com outros pais, as famílias se mantêm informadas sobre as atividades, sobre as companhias dos filhos dentro e fora do ambiente escolar. Na escola privada, apenas dois pais (*Rita e Ítalo*) deram indícios de manterem contato com outros pais. *Rita* nos relata

manter contato com os pais de colegas da filha e que, inclusive formaram um grupo que se comunica por e-mail e que de tempos em tempos sai para um café da manhã ou almoço. Este movimento dos pais é justificado como forma de manter-se informado sobre os filhos, que nessa idade já saem sozinhos, não gostando de compartilhar tudo o que fazem. O trabalho dos pais também é apontado como um fator de dificuldade para manter-se informado sobre os filhos. *Ítalo*, por sua vez, mantém contato com outras famílias através da função que desempenha na associação de pais da escola privada. No entanto, para ele a associação não tem funcionado como um espaço de grande interação entre os pais.

A assiduidade às festas, palestras e outros encontros considerados como atividades extras propostas pela escola são frequentados por quatro dos pais entrevistados (*Ítalo; Zilda; Gustavo e Nádia*). Estes mesmos pais apontam que os filhos adolescentes já não fazem questão da presença deles na escola. Alguns parecem se ressentir desta postura, outros entendem como um movimento dos adolescentes, que buscam maior autonomia.

Gustavo: No primeiro ano eu vinha ainda nas festas e tal. Teve a feira de ciências, que é uma proposta muito legal [...], mas depois já, na metade do primeiro ano, que ela estava aqui, no segundo ano, eu já deixei. [...]. Não pela via das festas, porque agora também não faz muito sentido, mas... Ela já tem quinze anos [...]. Não participa mais das gincanas, não participa mais de uma série de eventos da escola.

Desde que começamos a analisar os dados do *survey*, muitas perguntas passaram a nos mobilizar. *Quantos pais recorrem ao professor particular? Por que há a necessidade do professor particular?* A dinâmica na sala de aula e as diferentes nuances do aprendizado neste espaço continuam uma incógnita, sendo sua exploração indicada na pesquisa em educação. Alguns estudos sobre o trabalho do professor reforçam a abordagem do efeito-escola ou efeito-estabelecimento. Slavin (2003) em um trabalho muito conhecido aponta as estratégias de organização da sala de aula e da abordagem de professores que mostram efeitos positivos no desempenho dos alunos. Barbosa (2011) em um estudo que investiga os aspectos educacionais e os fatores sociais que incidem na desigualdade e no desempenho escolar chega a conclusão de que o trabalho do professor tem maior peso na redução das desigualdades do que a escola.

No presente estudo, veremos como os alunos reconhecem aspectos que consideram positivos no trabalho dos professores, nos oferecendo indícios da

construção da qualidade do ensino na sala de aula. Na sala de aula, o conteúdo trabalhado pelo professor pode ficar diluído na sociabilidade entre os colegas e mesmo entre o professor. Sabemos e muitos professores e alunos admitem não haver foco integral no conteúdo durante os quarenta e cinco, cinquenta minutos de hora-aula. Lançar mão do professor particular passa a ser uma necessidade pontual para alguns e frequente para outros. Mesmo entre os alunos mais dedicados (maioria dos entrevistados) veremos que há a indicação da necessidade de um atendimento mais próximo. Na escola pública, os cursinhos preparatórios representam a figura deste professor particular, onde os alunos conseguem um atendimento individualizado para aprofundamento. Por isso, continuamos a investigar nas entrevistas os motivos para inscrição dos alunos em aulas particulares. No questionário aplicado aos pais desta escola privada (Quadro 46), se somarmos aqueles que já utilizaram este recurso (às vezes, quase sempre, sempre), chegamos a 40,4% do número de respondentes. Entre os oito pais entrevistados, sete nos disseram ter precisado em algum momento recorrer às aulas particulares. Três destes pais apontaram que o reforço foi oferecido pela escola em turno diferente ao frequentado pelo aluno, mas que a atividade não durou. Isso porque os alunos não gostavam de passar o dia na escola, preferindo ter aulas em casa.

Quadro 46: Frequência ao professor particular – pais escola privada

Coloco no professor particular	Rede Privadas	Escola Sete
Nunca	33,0%	41,4%
Raramente	13,5%	18,2%
Às vezes	23,0%	16,2%
Quase sempre	15,5%	13,1%
Sempre	15,0%	11,1%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

Quando este aspecto foi investigado entre os alunos desta mesma escola privada, 50,7% apontaram terem tido algum tipo de apoio escolar nos últimos doze meses. Entre estes, 59,3% disseram que o apoio/reforço foi oferecido pela escola e 70,3% disseram terem tido aulas particulares. 90,8% dos alunos apontaram achar necessário frequentar algum tipo de reforço escolar e 81,7%

disseram que os pais acharam necessário; ambos os valores são bastante próximos aos encontrados no conjunto de escolas privadas (91% e 81,2%, respectivamente).

Ainda entre os alunos desta escola privada, 28,2% indicaram que o reforço foi recomendação da própria escola/professor (Quadro 47), valor ligeiramente maior quando comparado ao conjunto de escolas privadas. As causas para estas diferenças podem estar associadas ao perfil de acompanhamento desta escola, que mantém uma postura atenta ao desempenho dos alunos, porém sob uma orientação de flexibilização das normas e da autoridade.

Quadro 47: Frequência ao professor particular – alunos escola privada

Sugestão da escola/professor	Rede Privadas	Escola Sete
Sim	22,1%	28,2%
Não	77,9%	71,8%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

A frequência a este tipo de recurso é diferente entre as famílias. Quatro pais (*Rita, Lígia, Gustavo e Nádia*) apontaram certa periodicidade com as aulas particulares. Mesmo que a necessidade aumente somente em vésperas de provas, há indícios de que a atividade seja recorrente (todo trimestre, todos os anos, sempre aos finais das séries). É interessante observar, e os próprios pais fazem esta análise, que a aula particular se tornou para alguns adolescentes um recurso disponível quando não gostam do professor, não querem prestar atenção a determinada aula, quando querem conversar durante as aulas, entre outros motivos.

Rita: Mãe, talvez eu esteja precisando de uma aula particular de português. E eu fiquei: Aula particular de português? Você sempre foi boa aluna em português. E aí quando eu fui pegar o horário, o calendário dela, vi que as mensagens [troca de mensagens pelo celular da filha] eram na aula de português. Eu fiquei muito chateada com ela: [...]. Porque vamos combinar, você está com dificuldade em português e tá se comunicando? E a gente teve uma longa conversa sobre isso, sobre as escolhas que ela estava já fazendo na vida dela. [...].

Em outros momentos, são os próprios pais que tomam a iniciativa das aulas particulares, por não terem tempo de ajudar os filhos ou por considerarem que as notas estão baixas. Há uma consciência de que alguns aspectos dos conteúdos ensinados durante as aulas não são compreendidos, o que não significa que os professores não saibam explicar, mas que o problema seja uma explicação

pendente, uma deficiência na trajetória escolar dos alunos ou o que poderia ser considerado como uma deficiência do próprio sistema escolar como um todo (e das famílias), que é saber ensinar a estudar. Um fator de dificuldade que aparece neste e em outros momentos esteve relacionado aos conteúdos escolares sobre o quais os pais não lembram ou não tem domínio suficiente para ajudarem os filhos.

Ítalo: Eles têm muita dificuldade. É uma coisa que o colégio não ensina e que a gente também não sabe ensinar direito. Na verdade acho que ninguém sabe direito, é ensinar a estudar por conta própria. Como revisar uma matéria? Como fazer resumo?

Ângela [esposa de Ítalo]: Desde que a gente se entende por gente, todos eles falam que você tem sempre que estudar pra não deixar acumular, mas ninguém faz isso. (risos)

Ítalo: Não tem um método de estudo. Não sabe como: Olha, agora você vai sentar, você vai abrir o livro, você vai fazer isso, isso e isso. Vai ler, vai repetir, vai resumir.

Olhar cadernos, agendas e cadernetas; checar uniformes e mochilas fazem parte da rotina de pelos menos três pais (*Rita, Ângela, esposa de Ítalo e Zilda*). Por outro lado, outros três pais (*Gustavo; Lígia e Nádia*) dizem que estas atitudes devem ser evitadas por respeito à privacidade, para que os meninos e meninas se deem conta de suas próprias obrigações. Em um dos fragmentos também podemos identificar a forma como os pais percebem as regras escolares (e a cobrança destas regras), o que pode se tornar um problema para as famílias.

Entrevistadora2: Você disse que também estava tendo problema com o uniforme. O que exatamente te incomoda?

Zilda: Eles pedem, a gente faz o filho fazer aquilo. O nosso filho vira um ‘nerd’ se você obriga ele a fazer, mas ao redor dele tem várias crianças que entram e não são cobradas. Então, ou você tem uma relação ruim com o seu filho porque você vai exigir que ele vá [...]. A *Olga* era uma das únicas que ia de bermuda, até a hora que eu descobri que fui longe demais, eu devia ter liberado mais cedo [a menina a ir de short] pra ela ter uma boa relação, entendeu?

É importante mostrar os embates das famílias com a escola na construção das rotinas e na valorização das regras, o que deveria ser simples e objetivo, como o uso do uniforme toma uma proporção muito maior quando se lida com os adolescentes. No caso de *Zilda*, há um embate entre o atendimento às exigências da escola e as pressões sociais que *Olga* que enfrenta com os colegas cotidianamente. *O que acontece quando não há sintonia entre as disposições que os meninos e meninas aprendem em casa e aquelas que aprendem na escola?* Tudo isso toma tempo dentro da rotina escolar e a forma como os adolescentes percebem esta situação nos

ajudará a entender mais sobre estas tensões. No caso desta mãe, ela quer exigir mais mecanismos de controle da escola para ter argumento com a filha. Tais fatos convergem para a discussão de uma crise de autoridade.

Acrescentamos uma pergunta ao roteiro de entrevista dos pais com a intenção de nos aproximar do que para eles seria um indicador de alerta no acompanhamento escolar. Nesta escola privada quatro pais (*Ítalo; Zilda; Gustavo e Nádia*) apontaram que o termômetro usado para ficarem alertas sobre a vida escolar dos filhos estão associados às notas obtidas. Para alguns, as atividades escolares são consideradas como o único trabalho dos filhos e que não há justificativas para notas baixas ou mesmo medianas. Tal perspectiva nos remete ao trabalho de Perrenoud (1995: 15-16) que descreve o “ofício de aluno ou de aprendiz” como um “ofício *sui generis*”, no qual há pouca liberdade, alta dependência de terceiros no processo e interferência de aspectos pessoais e culturais. O autor nos remete também às diferentes formas como os alunos desempenham este ofício, o que no presente trabalho pode ser entendido como aspectos estruturantes do *habitus* escolar: *Quais disposições estão envolvidas no ofício de aluno? Quais são as disposições e habilidades mais requisitadas? Como as famílias colaboram para o desenvolvimento destas disposições?* Estes alunos aprendem a ser estudantes em escolas e famílias que possuem singularidades. Entre os pais desta escola privada percebemos, por exemplo, certa inquietação, mas ao mesmo tempo um esforço para aceitar os limites dos filhos em relação ao desempenho:

Nádia: As notas. [...] São o meu indicador. Ele vem com os testes, pelos testes a gente já percebe se ele tá indo bem ou não. [...]. Eu realmente acho assim, ele tem problema em português. É um absurdo. Eu e meu marido, os dois são jornalistas. Não adianta, você tem que chamar uma pessoa de fora porque ele... Não funciona. Quando ele tira, por exemplo, seis, ele não vai ficar em recuperação, mas eu não fico muito feliz.

Para outras mães (*Rita; Sílvia; Lígia e Célia*) é aceitável os filhos apresentarem notas mais baixas ou se manterem ‘medianos’. Para estas mesmas mães (e isso foi percebido em outros momentos das entrevistas com os pais), frequentar uma escola tendo como principal objetivo, o desempenho por nota, o *ranking* ou a classificação no vestibular retira um pouco do sentido da educação escolar, que deve contemplar diferentes formas de manifestação cultural e artística, por exemplo.

Entrevistadora2: Qual é o limite pra você relaxar com as notas dele? Qual é o limite da família?

Sílvia: Eu não sou muito exigente com nota, não. [...] Nunca fui até porque eu não era uma aluna nota dez. Eu sempre fui aluna mediana e estava feliz da vida. Eu não tenho nota como um fator pra mensurar o conhecimento. [...]. Então, assim, eu quero que esteja na média, eu quero que passe de ano, que aprenda, que compreenda, que seja crítico, mas: Tem que tirar nove. Tem que tirar dez! Tenho muitos colegas que são assim, e é até muito difícil conversar com ele [com o filho Fábio] sobre esse tema, até procuro mudar de assunto (risos) porque...

Um tipo de relação mais descompromissada com a educação, o que na prática pode significar menos pressão nas relações com os filhos e menores expectativas sobre o rendimento escolar foi tratada por diferentes pesquisadores (Brandão e Lelis, 2003; Nogueira, 2002) que se dedicaram a estudar as camadas médias. Tal postura despreocupada seria advinda de heranças materiais (na qual podemos incluir filhos de empresários e industriais), bem como de uma confortável posição financeira de que gozam algumas famílias, associada à certeza de que os filhos irão frequentar boas universidades, sem a necessidade de alto desempenho no vestibular. Nesta escola privada, o panorama demonstra uma divisão (com cerca de 50%) entre os que se assumem como exigentes em relação à nota e entre aqueles que não são, embora alguns apresentem uma postura ambivalente a respeito. Há de se destacar entre todos estes pais, o desejo e a valorização de algumas habilidades, as quais podem ser elencadas como estruturantes de um *habitus* escolar: capacidade crítica, fruição cultural, facilidade de comunicação e interação, engajamento, satisfação pessoal.

Você considera o seu filho um bom aluno?

Esta foi uma pergunta indireta, que não focalizou as rotinas propriamente, mas que pretendia resultar na apreciação escolar que os pais tinham sobre os filhos. Estas opiniões dos pais apresentam uma série de estratégias escolares como a escolha da escola e de atividades extras, ajudando a ilustrar o trabalho pedagógico realizado pelas famílias. Ao analisar as entrevistas, vamos percebendo detalhes muito particulares das trajetórias escolares dos meninos e meninas desta escola, pontos fracos e tropeços que parecem funcionar como medida para o diálogo com coordenadores e professores, bem como para as intervenções e mudanças de caminho. Na análise deste item, baseada na perspectiva das *homologias* de escolas públicas e privadas, pode-se perceber a distância na

concepção de bom aluno para as famílias. Impressões muito diferentes sobre o que seja um bom aluno serão evocadas também a partir da forma como os pais avaliam a escola dos filhos, quando definirão os valores, objetivos e ações que se traduzem em bom ensino e boa educação.

Três pais (*Rita; Gustavo e Zilda*) dizem que os filhos são bons alunos. Ainda assim, dificuldades em algumas disciplinas e questões referentes ao aspecto comportamental são manifestas na análise dos pais:

Gustavo: E cada vez mais. A *Ingrid* tem uma história que é o seguinte: Quando ela começou no colégio, ela não era tão boa aluna. Ela era uma aluna um pouco acima da média, agora, hoje, ela vem se tornando uma aluna que se destaca mais. Volta e meia é a nota mais alta da turma. [...]. Essa questão da *Ingrid* ser uma boa aluna ou não, acontece o seguinte, tanto a [cita nome da esposa] como eu, nós éramos, nós somos muito bons alunos. Assim, nenhum dos meus filhos saiu à gente como a gente era. Sempre fui primeiro lugar, essas coisas. Nem o *Vitor* nem a *Ingrid* são assim nesse nível [...].

Ao contrário do panorama que vamos encontrar na escola pública, a maior parte dos pais (*Ítalo; Sílvia; Lígia; Célia e Nádia*) da escola privada não considera o filho como bom aluno, principalmente por apresentarem problemas recorrentes em algumas disciplinas ou por não se dedicarem suficientemente aos estudos de forma geral. No entanto, há sempre o reconhecimento de outros aprendizados, que independem de nota:

Nádia: Ele acha extremamente chato a escola. Não tenho problema nenhum com ele. Tem um ano ou outro, eu ponho um reforço de matemática, aquela coisa básica. Não tenho grandes problemas de disciplina. Mas eu vejo assim, não tem o menor prazer de ir pra escola. Motivação nenhuma, entendeu? Então isso é muito decepcionante [...]. Ele estuda pra passar. Mas assim, eu acho que ele aprende muita coisa. O meu filho tem uma cultura geral muito grande que é graças ao colégio. Ele tem em casa também, mas ele sabe coisas que ele não viu em casa. Eu não acho que ele seja um bom aluno. Ele não faz os deveres [...]. Agora, eu acho assim, quando ele gosta de alguma coisa, ele faz, ele se dedica. Eu acho que quando ele gosta, ele é bom aluno.

A fala da *Nádia* (42 anos, jornalista) expressa o ambiente rico em informações culturais oferecido pela família e pela escola e a forma como estes contextos colaboram entre si para a estruturação de disposições que levam este aluno a apresentar “uma cultura geral muito grande” aos quatorze anos de idade.

Alguns pais expressam as contradições da escola e as tensões envolvidas na escolarização dos filhos. Ser bom aluno não envolve somente compreender o

conteúdo das disciplinas e tirar boas notas, mas se dar bem com os professores, ser querido e ter estratégias para seguir adiante na escola.

Entrevistadora2: Que tipo de problema você tem com seus filhos?

Célia: É. De nota. Porque ele é elogiado, é um menino muito inteligente, mas às vezes dispersa em sala de aula. É não fazer dever. Problemas de adolescente [...]. Embora eu seja uma pessoa privilegiada que o meu filho é um [...]. Gosta de ler, não tenho esse problema. Outros pais se queixam, e ele não... É muito sonhador, ele voa. Então, o problema dele é esse. É concentração [...] se ele forçar e estudar, ele vai bem. Porque o que é obrigação... Ele é capaz de sentar aqui e ler um livro de duzentas páginas hoje. Terminar. Mas na hora de estudar [...] ele pega outra coisa pra fazer.

Estas mães parecem relativizar a postura dos filhos, mesmo considerando-as inadequadas. Os critérios que usam para contrabalançar a percepção sobre os desempenhos dos filhos são a sociabilidade e a inclinação para outras atividades intelectuais. Aqui novamente o ambiente cultural/social irá delinear uma rotina em que disputam espaço, as tarefas escolares e os interesses culturais, no entanto, este perfil de aluno pode ‘sobreviver’ na escola privada, pois encontra lá um contexto de valorização do tipo de conhecimento ao qual se dedicam frequentemente. Além disso, sabemos que estas famílias não dependem exclusivamente da escola para concretizarem seus projetos educacionais. Veremos posteriormente que filho de *Lígia* (44 anos, nutricionista) tem grande interesse pela música, se dedicando em cursos e aulas particulares; o filho de *Célia* (advogada) é descrito como um leitor voraz, quando a leitura trata de assuntos do seu interesse. A este respeito, chama atenção o número de pais que fizeram comentários sobre os hábitos de leitura dos filhos ao longo das entrevistas, o que nos leva a considerar a influência do capital cultural estimulado e mantido por estas famílias⁵³ e que é potencializado pela escola. Ao analisar o *survey* aplicado aos pais desta escola em 2009 (Quadro 48), vimos que 43,3% apontam que os filhos gostam muito de ler, valor maior comparado ao conjunto de escolas pesquisadas. Apenas 15,4% dizem que o filho não gosta de ler e 41,3%, que gostam de ler um pouco.

⁵³ Entre os resultados do *survey*, identificamos o volume extenso de leitura das famílias, que compõem essa clientela escolar: 76,5% dos pais leem jornais e 41,8% leem livros diariamente; 50,5% leem revistas de informação geral pelo menos uma vez por semana.

Quadro 48: Gosto pela Leitura – pais escola privada

Seu filho gosta de ler?	Rede Privada	Escola Sete
Não	16,7%	15,4%
Um pouco	45,6%	41,3%
Muito	37,0%	43,3%
Não sei	0,6%	0,0%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

Cinco pais entrevistados (*Ítalo; Lígia; Gustavo, Célia e Nádia*), entre aqueles que consideram os filhos como bons alunos e os que não consideram, fizeram referência ao gosto pela leitura quando perguntamos se os filhos eram bons alunos. O hábito de leitura parece ser um parâmetro na percepção familiar se a escola está conseguindo cumprir um papel mínimo: instrumentalizar o aluno para acessar informação e construir conhecimento. Esta última habilidade aparece representada pela capacidade de interpretar e produzir textos.

Entrevistadora2: Qual a literatura que ele gosta?

Lígia: Nada. Nada. Ele lê muito pouco. Eu fico tão triste com isso. Isso me deixa tão triste.

Entrevistadora2: Em que ele podia melhorar?

Nádia: Eu acho que ele podia melhorar em português. [...] me preocupa um pouco o português na questão da interpretação de texto, às vezes eu acho que é um pouco de preguiça, não sei. Ele lê muito, mas lê o que ele quer ler. Lê livros também.

Entrevistadora2: O que ele lê?

Nádia: Ele lê muita revista especializada de música. Lê muita biografia desses músicos todos. Biografias enormes, ele estuda, ele lê. E ele lê os livros da escola, não vai pra prova sem ler os livros não.

Gustavo (52 anos, engenheiro, pesquisador) critica os conteúdos de Língua Portuguesa dados na escola, dizendo que os professores desta disciplina não estimulam o básico entre os alunos, o gosto pela leitura e a produção de texto. Este pai fez críticas a conteúdos como as orações coordenadas e subordinadas, por exemplo, dizendo que a filha chegou a ponto de dizer que não gosta de ler, o que para ele aconteceu devido à postura da escola e da professora de Português e Literatura, que não valorizam um tipo de literatura apreciada pelos adolescentes.

Gustavo: [...] A *Ingrid* e outras crianças gostam de ler algumas coisas, por exemplo, essas histórias de vampiro, trocam livros e leem. Isso é desvalorizado pela escola, o que eu acho ruim. [...]. Por exemplo, eu acho que no ensino de português e literatura uma coisa básica é fazer com que se desenvolva o gosto pela leitura, né?

A principal orientação para a disciplina de Literatura na escola privada é o estímulo à leitura de clássicos. À época, os alunos já haviam lido “A Odisseia” (Homero) e se preparavam para a leitura de “Dom Quixote” (Miguel de Cervantes). A este respeito, identificamos a ambivalência na postura dos pais em algumas reuniões com os professores, na medida em que apreciavam a leitura dos clássicos, mas que gostariam de ver formas novas de abordagem nesta disciplina, o uso de novas tecnologias, além da inclusão de uma literatura juvenil contemporânea. Alguns pais haviam lido as obras citadas, e se queixavam pelo fato dos filhos não estarem apreciando esta leitura.

Quais são os seus planos para a vida escolar do seu filho no ano que vem?

Nas respostas sobre o futuro dos filhos, os pais desta escola privada apresentaram uma tendência geral de decidirem *com os filhos*, pelos menos seis pais (*Rita, Sílvia, Zilda, Lígia, Gustavo e Nádia*) demonstram uma inclinação a ‘respeitarem’ a vontade dos filhos quando o assunto é a escola onde querem cursar o ensino médio. Podemos identificar a projeção a respeito e a postura de um “consumidor especializado”, que aparece em diferentes momentos:

Entrevistadora2: Quais são os planos pra vida acadêmica dela? Vocês têm planos juntas?

Rita: Não. Planos juntos, não. A gente tem conversado sobre isso até pra planejar. Ela quer continuar aqui. Eu respeito isso e com os resultados desse primeiro trimestre, eu não vejo problema nenhum dela continuar. A outra opção seria ela ir pro CAP, que eu sei que é uma escola excelente, mas me preocupam duas questões no CAP. Uma é a questão das greves, que a gente sabe que são vários anos sem greve. [...]. E a outra questão que me preocupa diz respeito diretamente à *Amanda*, é que eu acho que o CAP é uma excelente escola pra quem quer estudar.

Vimos também que entre os pais, dispostos a apoiar que os filhos permaneçam na mesma escola, alguns cogitam outros estabelecimentos por diferentes motivos: *Rita, Ítalo e Nádia* pensam no Colégio de Aplicação da UFRJ como uma primeira opção na substituição da escola privada, pelo alto índice de alunos aprovados nos vestibulares, mas apenas dois pais (*Ítalo e Nádia*) citam o aspecto financeiro como algo importante para esta decisão:

Ítalo: [...] A gente considera pro ano que vem, ela fazer a prova pro CAP da UFRJ, porque a gente sabe que é um ensino forte também e tem a questão econômica que pesa, e ela está disposta a fazer. Então se ela fizer e passar [...]. É. Porque dessas escolas públicas, o CAP é que nos interessa. O Pedro II, a gente já ouviu algumas

críticas no sentido de que os professores de lá são professores terceirizados, não tem justamente essa continuidade.

Entre os pais que pensam em mudar os filhos de escola, nos argumentos que impulsionam a mudança está a preocupação com o vestibular e as próprias adaptações dos filhos ao novo colégio, que são de certa forma postos à prova no ensino médio, pelo aumento do conteúdo e pela pressão que passam a sofrer, por causa do vestibular. Vemos, assim, alguns pais se antecipando em relação a este futuro, por saberem que os filhos supostamente têm poucas condições de adaptação. Como exemplo dessa questão, temos a fala de *Lígia*, que pensa em mudar o filho de escola e da *Sílvia* (43 anos, juíza do trabalho), que se preocupa ao mesmo tempo em que relativiza as expectativas sobre os estudos do filho no ensino superior:

Lígia: eu acho que o [cita nome da escola] está com um ranço por questões de cobrança da sociedade, com o ranço do vestibular no nível médio. Parece que o pessoal não foi bem no ENEM e os pais cobraram [...]. Aquelas coisas muito voltadas pro vestibular, que é uma massificação... Não é ensino. [...] eu estou questionando se o *Rodrigo* vai ou não vai fazer o ensino médio, por causa do perfil dele. Se eu vou manter no [cita nome da escola] ou não. Se vou de repente colocar numa escola, assim, mais liberal. Ele inicialmente não quer por causa dos amigos. Por outro lado, ele já tem um objetivo que é, daqui a pouco, tá fazendo estudo lá fora.

Entrevistadora2: Quais são seus planos pra vida escolar dele?

Sílvia: Pois é, eu pretendo que ele faça... Porque o ensino médio, eu acho que a coisa tem que ser mais apertada mesmo, porque pelo que eu sei tem muita matéria pra pouco tempo. O vestibular tá cada vez mais cedo, né? E agora você já começa o terceiro ano já fazendo prova pra algumas universidades. Mas eu também não tenho nenhuma exigência: Tem que fazer federal, tem que fazer um... Eu acho que vai ser o que ele conseguir ou o que ele escolher. Também não tenho exigência de profissão. Acho que tem que fazer alguma coisa pra ser feliz, não alguma coisa pra ir para o mercado ganhar dinheiro. Não penso assim.

Encontramos nas falas de todos os pais entrevistados uma relação com os estudos futuros e o trabalho, voltada para o prazer e a realização pessoal. A fala deste pai é mais longa, mas vale ser citada, pois ilustra bem a expectativa que muitas famílias desta escola privada possuem a respeito de como deve ser o ensino e de quais valores a escola deve estimular entre os alunos:

Gustavo: [...] eu acho que existe uma visão de educação que é muito comum de colégio e depois da universidade, pra formar as pessoas para o mercado de trabalho. De fazer com que as pessoas tenham um sucesso profissional e a maneira mais reducionista de ver isso, assim, é o colégio que aprova no vestibular, certo? Quando a gente faz as contas, as horas que a gente fica trabalhando, uma pessoa que trabalhe oito horas por dia [...] cinco dias por semana, onze meses por ano, durante trinta, trinta e cinco anos, ela vai trabalhar no final, mais ou menos, apenas

10% das suas horas de vida. Se fizer a conta. Se tirar as horas que dorme, então vai ser 15% das suas horas de vida. Quer dizer, a vida é muito mais do que o [...] o trabalho, a profissão. E acho que os colégios deveriam dar uma visão pra formar essas pessoas pra vida. Então, esportes, música, cultura. Da pessoa saber viver, fazer uma viagem e aproveitar, e absorver o mundo e ter também, não só absorver coisas, mas agir no mundo de uma maneira assim que... Os colégios não deviam apenas educar as pessoas pra elas se darem bem na vida...

Também não há a associação precoce a uma profissão, como veremos que existe entre as expectativas de pais e alunos na escola pública. Os pais (com exceção de *Zilda*) procuram não impor muitas pressões ainda sobre o que fazer no futuro, indicando que ainda há tempo pra pensar sobre estas questões. E mesmo entre os poucos pais que manifestam alguma preocupação de ordem financeira está implícita uma certeza de que os filhos frequentarão uma boa universidade:

Entrevistadora2: A minha última pergunta é sobre o futuro dele. Qual escola que você quer que ele estude? O que você quer pro seu filho? O futuro profissional.

Nádia: Eu quero, claro, que ele encontre uma coisa que ele seja feliz, que ele goste de fazer. [...]. Ele gosta muito de música, mas eu também não forço: [...]. Eu espero que ele passe numa universidade pública, porque eu acho que o ensino universitário está um absurdo. Eu não sei se eu teria condições de bancar uma faculdade particular hoje. Não que eu ache que o ensino seja melhor [...]. Eu nunca falo: Ah, escolha uma coisa que dê dinheiro [risos].

5.2

Mães na escola pública

Oitenta e seis pais (86) responderam ao *survey* SOCED (2009) nesta escola pública, que analisamos agora mais detidamente. Oito mães foram entrevistadas, uma na própria casa e as outras sete nas dependências da escola. As mesmas perguntas feitas aos pais da escola privada foram feitas às mães desta escola pública. Aqui também estará presente uma análise, organizada em quatro grandes categorias, que procuram sintetizar as formas de participação das famílias na manutenção das rotinas e disposições (*habitus* escolar) favoráveis à escolarização. Em alguns momentos traremos as respostas das escolas públicas ao *survey*, procurando reinterpretá-las no contexto das percepções das famílias da escola pública que selecionamos.

Os pais da escola pública sabiam da boa qualidade e da fama desta entre as escolas do município. Os meios para acessar esta informação variaram, as mães apontaram como fonte: conversas entre conhecidos, indicações de amigos e

reportagens na mídia. É válido destacar algumas dificuldades para o ingresso: optar por uma escola pública municipal, com menos prestígio e depois pedir transferência, pedir favores ou ter contatos na CRE e na Secretaria Municipal de Educação, e mesmo dormir na fila da matrícula, foram algumas das etapas pelas quais estas mães passaram para terem seus filhos como alunos desta escola pública.

Você poderia me descrever a rotina do seu filho?

Esta foi a primeira pergunta feita aos pais e tinha a intenção de obter deles uma descrição sobre as rotinas dos alunos, para posteriormente comparar com a resposta dos meninos e meninas numa tentativa de cotejar informações importantes, que estruturam os comportamentos e disposições escolares. *O que os pais veem das rotinas dos filhos?* Em um contexto em que cada vez mais as famílias têm menos tempo para ficar junto dos filhos e com as mães participando ativamente do mercado de trabalho, é importante que façamos/refaçamos esta pergunta sobre as rotinas dos alunos quando estão fora da escola.

Perguntamos a frequência de estudo dos filhos em casa (Quadro 49):36,6% dos pais desta escola pública disseram que os filhos estudam todos os dias e 32,9% disseram que os filhos estudam de duas a três vezes por semana. Tais valores são ligeiramente maiores aqueles encontrados no conjunto de escolas públicas investigadas. Apesar de a frequência de estudo dos alunos parecer menor em comparação às respostas dos pais na escola privada (Quadro 43), nenhum pai apontou não saber se os filhos estavam ou não estudando, bem como foi menor o número de alunos estudando somente em vésperas de prova.

Quadro 49: Frequência de estudo em casa – pais escola pública

Com que frequência seu filho estuda em casa?	Rede Pública	Escola Três
Todos os dias	28,9%	36,6%
Duas a três vezes por semana	30,4%	32,9%
Uma vez por semana	6,5%	7,3%
Só em véspera de prova	29,8%	19,5%
Nunca	2,7%	3,7%
Não sei	1,8%	0%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

As oito mães entrevistadas na escola pública demonstraram saber mais aspectos sobre a frequência de estudo, expondo detalhes da rotina diária e uma maior confiança nos filhos para cuidarem das tarefas, como pode ser verificado nos depoimentos seguintes. Três das mães entrevistadas (*Adriana, Deise e Úrsula*) dizem ver seus filhos fazendo as tarefas escolares ou estudando. As mães descrevem a autonomia dos filhos e apontam a estruturação de uma rotina de estudos em casa. Entre estas, nenhuma trabalhava fora, duas mães haviam cursado ensino superior, uma com mestrado e outra com ensino médio completo.

Entrevistadora2: Eles pegam as coisas e vão estudar sozinhos? Você não tem que mandar fazer o dever de casa?

Úrsula: Não. Nunca tive que mandar fazer o dever de casa. Eles sempre souberam. Ela também sempre soube. [...] Engraçado que no primário ela era tão ‘caxias’ que chegava em casa, ela não queria nem almoçar, queria fazer o dever. Eu brigava com ela: você vai primeiro tomar banho, descansar, almoça [...]. Primeiro ela faz os deveres de casa e depois ela vai para o computador, fica um pouquinho ou então vê televisão.

Três das mães (*Tereza, Flávia e Joana*) nos contaram não verem os filhos estudando durante o dia, devido ao trabalho diário fora de casa. Apesar da ausência destas mães, identificamos adaptações para o acompanhamento da rotina de estudos, através de conversas ao telefone durante o dia, tratando sobre as tarefas e trabalhos escolares ou com o simples acompanhamento da frequência às aulas:

Entrevistadora2: Você sabe se eles estudam de tarde, durante o dia?

Joana: Ah, sei. Ora se não sei. Ainda tem os meus vizinhos para dar uma olhada, veem se está estudando.

Entrevistadora2: Você pede pra dar uma olhadinha?

Joana: Lógico. E o *Otávio*, como eu falei, ele é mais devagar. Mas a [cita nome da filha], nunca me deu trabalho, sempre mostrou o dever. A lição dela, ela sempre cumpriu.

Quatro das mães entrevistadas (*Flávia, Joana, Paula e Estela*) nos confessaram não terem condições de ajudar nos estudos propriamente, por não saberem o conteúdo. Estas mães também nos descrevem, reiterando este aspecto em outros momentos das entrevistas, que conversam muito sobre a escola, perguntando sobre as tarefas, sobre os professores e os colegas. Veremos que há muito estímulo à autonomia escolar dos filhos através de apoio de outras ordens, como por exemplo, matricular em cursos, procurar a direção e professores para tentar resolver problemas.

Todas as mães entrevistadas nesta escola pública também descrevem como parte da rotina diária, os filhos assistirem televisão e usarem computador e jogos eletrônicos⁵⁴. A clientela desta escola é majoritariamente de nível socioeconômico médio, como vimos no Quadro 3 (Capítulo 2). Durante as entrevistas, a maior parte das famílias indicou ter computador em casa, com acesso à internet. Para a maioria das mães entrevistadas, as atividades no computador são feitas de forma moderada e não chegam a atrapalhar o cumprimento das tarefas escolares. Ao contrário, estas atividades eram vistas como uma maneira de relaxar os meninos e meninas, muito envolvidos na preparação dos concursos ao ensino médio:

Tereza: Eles chegam do treino, tomam banho, fazem os deveres. Se tiver prova, se tiver trabalho eles estudam. Depois eles vão dormir. [...] antigamente eles não tinham computador. Eles passaram a ter computador, a lidar com o Orkut, do ano passado pra cá. Eles só usavam o computador pra fazer trabalho. [...]. Eles têm Playstation [um tipo de vídeo game] e [...].

Entrevistadora2: Eles jogam todo dia?

Tereza: Eles gostam de jogar. Nos intervalos deles, eles jogam. Mas a gente sempre dosou. Uma hora por dia, vocês têm direito a jogar. Televisão eles não são muito chegados, também. Não é nem porque eles não sejam chegados, acho que eles não têm tempo até pra ver. [...]

Ainda assim, percebe-se que se trata de uma rotina muito vigiada por estas mães, que monitoram as atividades, estando sempre prontas a intervir nas rotinas, caso algo atrapalhe os estudos:

Entrevistador2: E como é o dia a dia dela? Ela fica no computador? Na televisão?

Flávia: Não. A *Sabrina* é responsável. [...]. Ela fica no computador. Ela não tem muitas amigas pra sair. Eu não deixo, eu não sou uma mãe liberal. Sou uma mãe carrasca. (risos) Não. Tipo assim: Filha, você sabe que esse ano é o ano do estudo. É o ano do tudo ou nada. Você está nesse curso e você vai ficar nesse curso. Você não queria? Você não disse pra mim que queria? Então, você vai se dedicar.

Outra mãe (*Deise*, 45 anos, bacharel em música, cantora) também demonstra certo incômodo quando a filha vê televisão. Para ela este momento poderia ser dedicado à leitura. Quando perguntamos se esta escola pública tem conseguido desenvolver o gosto pela leitura entre os alunos, ela responde que não, descrevendo algumas iniciativas:

⁵⁴ Entre as famílias que responderam ao *survey* 72,3% indicaram ter um computador em casa, 12,1% indicaram ter dois destes aparelhos e 3,6% três ou mais; apenas 12,1% disseram não ter computador. O acesso à internet foi alto entre as famílias desta escola: 73,8% informam ter um ponto de acesso, 6% disseram ter dois e 3,6% três pontos ou mais, enquanto apenas 16,7% indicaram não ter acesso à rede de computadores em casa.

Deise: Eu acho que tem crianças que já tem esse [...]. Não sei. Eu fico lutando: Vai ler um livro. Larga a televisão, vai ler um livro. Mas têm crianças que já tem esse interesse, esse gosto.

Entrevistador1: A escola consegue despertar esse interesse ou não?

Deise: Por enquanto, não. Agora minha filha falou: Ih, mãe. Esse ano a gente vai ter a troca de livros na sala. Um lê, troca, o outro lê. Eu acho que isso vai dar certa estimulada [...].

Deise, que já trabalhou como voluntária na escola, ajudando na organização e catalogação dos livros da biblioteca (conhecida como *sala de leitura* nas escolas municipais do Rio de Janeiro) diz que gostaria que as filhas lessem mais e que ela própria não tem este hábito⁵⁵. Esta mãe critica muito a falta de profissionais para cuidar da biblioteca da escola e dos computadores que ficam neste espaço, reconhecendo o esforço da professora de português, que se divide entre a sala de leitura e a sala de aula. No nosso *survey*(Quadro 50) mais da metade dos pais considera que os filhos gostam de ler um pouco. Entre os que acham que os filhos apreciam muito a leitura, chama atenção o maior valor encontrado entre os pais desta escola pública (31,8%).

Quadro 50: Gosto pela leitura – pais escola pública

Seu filho gosta de ler?	Rede Pública	Escola Três
Não	17,3%	11,8%
Um pouco	58,2%	56,5%
Muito	23,4%	31,8%
Não sei	1,1%	0,0%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009). Elaboração própria.

Na descrição das atividades diárias pelas mães chama atenção o grau de dedicação dos meninos e a rotina semanal muito puxada e corrida, sempre pensando no futuro e com uma perspectiva de “tudo ou nada”, encarando aquele ano letivo como ‘ano decisivo’. Seis mães entrevistadas (*Deise, Adriana, Flávia, Joana e Paula*) nos informaram terem matriculado os filhos em cursos de preparação para os concursos do ensino médio. Tais aspectos são identificados muitas vezes nas falas das mães e também dos professores e outros agentes escolares. As falas de

⁵⁵ No *survey* identificamos como médio a baixo o volume de leitura das famílias que compõem essa clientela escolar: 40,5% dos pais leem jornais, apenas 16,9% leem livros diariamente e 24,4% leem revistas de informação geral, pelo menos uma vez por semana.

Flávia e *Joana* (duas mães em torno dos quarenta anos, com ensino fundamental completo) ilustram algumas dificuldades cotidianas destes alunos:

Flávia: Ela sai do [cita nome do curso] na Real Grandeza [rua em Botafogo], ela pega o ônibus. Já vem direto pra cá. Como o ônibus demora muito também, pra ela não chegar atrasada, ela não tem tempo de comer. E outra, que eu já estou na barraca [local de trabalho] também, então fica difícil. Ela já tem que trazer a irmã. Aí eu falo: Gente, então almoça na escola. Ela: Mãe, não tem condição de comer na escola. A comida não dá. É macarrão sem molho, é alguma coisa sem sabor. Entende?

Entrevistador2: Ele faz este curso preparatório e faz algum outro curso?

Joana: Não. Nem dá tempo. [...] Chega em casa morto. Ele chega 9:00h, 9h:15h.

É rara a frequência a atividades extraescolares (que não seja o curso preparatório) entre os meninos e meninas da escola pública. A filha de *Úrsula* (45 anos, ensino médio, dona de casa) é a única aluna que faz curso de inglês (a mãe diz ter conseguido um desconto) e não frequenta curso preparatório. Nenhuma outra atividade extraescolar que envolvesse artes, dança, música, estudo de línguas ou outro esporte, foi descrita pelas mães como parte da rotina dos filhos. Apenas o filho de *Teresa* (42 anos, enfermeira) fazia atividade esportiva, praticando diariamente atletismo (gratuito) em um grande clube da cidade. O menino não quis fazer o curso preparatório, no qual havia conquistado bolsa integral, por causa do atletismo.

Tereza: [...] eles vêm pra escola, eles fazem, eles estudam, eles assistem a aula e vão embora muito rápido porque o treino deles no Vasco é 13:00h. Então, eles fazem muito corrido. Eles não ficam muito aqui na escola. Exposições, essas coisas, eles vão, participam. [...]. Eles só folgam sexta porque geralmente sábado e domingo eles têm campeonato. Eles sempre chegam atrasados [no treino] porque eles têm que passar em casa, almoçar. Eles ficam mais ou menos das 14:00h às 17:00h horas treinando.

De que forma você participa da vida escolar do seu filho?

As formas de participação dos pais na escolarização deflagram rotinas e disposições familiares que influenciam e estruturam disposições e habilidades favoráveis ao desempenho o escolar – *habitus* escolar. Ao contabilizar estas rotinas nas entrevistas construimos um panorama, com base nos depoimentos dos pais e alunos, que podem nos aproximar das condições de construção destas disposições. Orientou-nos principalmente a pergunta: *O que os pais fazem diariamente com os filhos no que se refere à escola?* É recorrente no senso

comum e na literatura sobre a relação escola-família, as reclamações e pedidos das escolas para a maior participação dos pais, seja em presença na escola, seja auxiliando os filhos no cumprimento das obrigações escolares. Este é um assunto considerado delicado, pois muitas escolas não assumem objetivamente o desejo dos pais interferirem diretamente nas tarefas escolares, ao mesmo tempo, esperam que estes pais estimulem e garantam a execução destas tarefas e um tempo mínimo de estudo em casa. Em decorrência destas expectativas cruzadas e de orientações difusas a respeito, famílias e escolas ficam muitas vezes sem saber como agir. Poder conversar com os pais a respeito deste assunto possibilitou caracterizar alguns elementos que podem nos ajudar a compreender a vivência desta participação.

Como encontrado na escola privada, é diminuto o número de pais que ajudam diretamente os filhos nas tarefas de casa, sentando junto para estudar, por exemplo. Na escola privada, observamos, entre outros aspectos, que a contratação de professores particulares ocorre, em vésperas de prova ou continuamente ao longo do ano em algumas famílias, o que parece se configurar como um hábito nas duas situações em algumas famílias. Na escola pública, veremos que os cursinhos preparatórios funcionam como a figura deste professor particular, para um atendimento individualizado e um aprofundamento que estes pais, por diferentes motivos (saber ou não o conteúdo, ter ou não tempo disponível), não se sentem capazes de oferecer aos filhos.

Cinco mães entrevistadas (*Tereza, Deise, Adriana, Estela e Úrsula*)⁵⁶ disseram ajudar de alguma forma, tirando dúvidas sobre algumas tarefas ou ajudando a fazer pesquisas. Entre estas mães, três possuem ensino superior completo, uma com mestrado e as outras duas, possuem ensino médio completo (Quadro 42). As outras três mães nos disseram não terem condições de ajudar com as tarefas propriamente. Nestes relatos, em algum momento, as famílias dão ênfase à autonomia que os filhos já conquistaram:

Adriana: Livro. [...]. Pesquisa que a gente fazia. A gente comentava, porque eu sou química, o meu marido também é químico, então a gente conversava da parte de física, química e matemática. Biologia não muito, mas física, química e matemática a gente sempre reforçou muito as meninas, nessa parte aí.

⁵⁶ Convém destacar que o tipo de ajuda entre estas cinco mães varia. Apenas duas delas (*Adriana e Deise*, ambas com ensino superior) expressam um tipo de ajuda direcionada, sentando junto para estudar, passando exercícios extras, recomendando outras leituras, etc.

Depois, quando perguntamos à *Deise* (45 anos, bacharel em música) sobre a postura da escola em relação a este tipo de participação dos pais, ela nos dá indícios da forma como a escola incita esta presença dos pais:

Entrevistadora 2: É uma escola que manda o aluno fazer sozinho?

Deise: Sim. Eu acho que eles falam mais pra gente se preocupar, ver se o aluno está fazendo os deveres. [...]. Os pais têm que estar interessados. Independente se ele está sentado ali fazendo, ajudando, ou ele vai depois que o filho acabou dar uma olhada. [...]. Eles se preocupam com isso, que o pai esteja interessado em ver se o filho está...

Estela (responsável legal, 76 anos) nos diz que ajuda, mas que não se lembra mais dos conteúdos escolares e que conta com a ajuda das irmãs da aluna para checar os cadernos. No entanto, são recorrentes em sua fala outras formas de acompanhamento, tanto no que se refere a questões práticas, como uniforme e material quanto ao rendimento em determinada disciplina, conversando com professores:

Entrevistadora1: Como é que a senhora faz pra acompanhar os estudos?

Estela: Aí no caso, dúvida que ela pergunta eu sabendo (que eu já não sei mais nada!), eu dou ajuda.

Entrevistadora2: Você olha os cadernos dele?

Estela: As irmãs. Caderno, a parte de uniforme, tudo. Tudo que se refere aos três, no caso, eu sempre acompanhei. Até hoje.

Entrevistadora1: A senhora acha que ele tem algum problema de aprendizagem? Já surgiu? Teve alguma dificuldade com alguma matéria?

Estela: Matemática.

Entrevistadora1: Com matemática. E está na olimpíada [de matemática]. (risos)

Estela: É por isso que eu entranhei, mas agora ele tomou jeito. Diz o [cita nome do professor] que agora tomou jeito.

Quando voltamos ao *survey* para analisar o acompanhamento às tarefas escolares, encontramos valores que indicam a boa participação dos pais desta escola pública. No item sobre a *verificação das tarefas escolares* (Quadro 51), que representa a observação sobre os deveres feitos, conteúdos copiados nos cadernos, entre outras ações, os valores que encontramos foram ainda maiores (se comparados aos valores das escolas privadas): 39,3% dos pais dizem verificar as tarefas escolares sempre. Quanto a ajudar nas tarefas escolares (Quadro 52), podemos observar uma menor incidência (bem próxima aos valores da escola privada sete). Questiona-se se estes dados estariam indicando maior participação destes pais ou uma maior autonomia entre os alunos. De qualquer forma, identificamos nas entrevistas indícios da predominância de uma participação instrumental, monitorando, auxiliando indiretamente ou estimulando a execução das tarefas escolares.

Quadro 51: Verifica as tarefas escolares – pais escola pública

Verifico as tarefas escolares	Rede Pública	Escola Três
Nunca	2,2%	0%
Raramente	7,2%	9,5%
Às vezes	20,6%	26,2%
Quase sempre	32,7%	25,0%
Sempre	37,4%	39,3%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009).

Quadro 52: Ajuda nas tarefas escolares – pais escola pública

Ajudo nas tarefas escolares	Rede Pública	Escola Três
Nunca	11,3%	10,8%
Raramente	15,6%	13,3%
Às vezes	28,0%	38,6%
Quase sempre	23,9%	21,7%
Sempre	21,2%	15,7%
TOTAL	100,0%	100,0%

Fonte: Survey SOCED (2009).

As formas de acompanhar os estudos, que poderíamos denominar como mais informais também predominam nas rotinas dos alunos da escola pública. Todas as mães entrevistadas dizem fazer perguntas e conversar diariamente sobre a escola, aspecto bastante significativo para a caracterização do *habitus* escolar. Entre as mães com menor escolaridade identificamos formas de acompanhamento que buscam estimular o comprometimento dos filhos com a rotina escolar e com o trabalho dos professores. Prestar atenção ao que o professor fala, conversar com os colegas somente na hora do recreio, tirar dúvidas no tempo de aula ou procurar o professor depois da aula, são exemplos de encorajamentos neste sentido. *Joana* (40 anos, empregada doméstica) e *Paula* (40 anos, diarista) descrevem exemplos das rotinas familiares para lidar com alunos menos e mais autônomos:

Joana: Ah, dou uma olhadinha. Tem que olhar, tem que ver. Vem cá, por que você não fez esse dever? Não é pra hoje? Então isso era pra ter feito ontem. Sabe? O professor não vai esperar. Você tem que fazer o dever. Às vezes pego ele no final de semana: Pode sentar. Só vai sair, só vai jogar vídeo game, só vai entrar na internet depois que você...

Paula: Só pergunto a ela: E aí, como é que está? A prova foi boa? Só isso, porque ela é responsável. Ela sabe que eu não tenho muito tempo. Tenho o [cita nome do filho mais novo]. Ele, nossa, ele me ocupa todo o dia. De manhã uma correria no trabalho [...]. Eu vou pegar na escola, volto pra casa, ainda vou cuidar do almoço. [...]. Graças a Deus não preciso ficar em cima pra estudar.

Encontramos entre seis das mães entrevistadas (*Tereza; Deise; Adriana; Joana, Estela e Úrsula*), outras ações para o acompanhamento que incluem não somente olhar os cadernos, mas checar uniformes, mochilas, agendas e cadernetas. Olhar os celulares dos filhos, fazer visitas inesperadas às escolas e conversar com colegas dos filhos, também são ações que aparecem descritas nas rotinas.

Todas as mães disseram frequentar com assiduidade as reuniões de pais e conversarem frequentemente com o coordenador pedagógico e diretores. Estas conversas não aconteciam somente nas reuniões, mas em momentos não agendados, quando os pais “passam pela escola”. Todos costumam elogiar esta disponibilidade dos profissionais da escola no atendimento aos pais, inclusive por telefone. As conversas com os professores não costumam ser muito mediadas pela coordenação/direção nesta escola pública e este é outro aspecto apreciado pelos pais. Conversar diretamente com os professores sobre as dificuldades dos filhos também foi uma ação relatada por sete das mães entrevistadas (*Teresa; Deise; Adriana; Flávia; Paula; Estela e Úrsula*):

Flávia: [...] Quando ela mudou, acho que foi da quinta série em diante, ela teve um pouco de dificuldade na matemática, mas foi só nos primeiros, acho que no primeiro bimestre, ela tirou umas notas muito, muito negativas, mas é porque ela não estava entendendo a explicação. Eu conversei com o professor de matemática, ele falou que todos os alunos também estavam tendo essa dificuldade porque a matéria estava com uma explicação um pouco mais diferente e tal. E eles ainda não tinham se integrado com o conteúdo [...].

Estar perto da escola é importante para estas famílias. A proximidade espacial e a boa relação com os gestores significa a possibilidade de poder acessar a escola em caso de dificuldade. Poder trabalhar perto da escola, ter horários flexíveis ou mesmo poder levar ou buscar o filho em algum momento parecem colaborar nesta interação. A fala de *Joana* (40 anos, empregada doméstica) ilustra alguns valores envolvidos na escolha da escola do filho:

Joana: Como eu trabalho no [cita bairro próximo], eu pensava assim: Se acontecer alguma coisa na escola, eu estou muito próxima. No [cita bairro onde mora] eu estou longe e as escolas ali do lado não são muito boas, sabe? [...]. Tem um

envolvimento muito grande dessa questão do pessoal do tráfico [...]. Se você pode melhorar pro teu filho, pro teu filho ter um futuro melhor. Você pode morar numa comunidade, você não é obrigada a mostrar pros teus filhos só aquilo que tem naquela comunidade. Existe um mundo aqui fora, então, eu sempre tive isso.

Joana trabalha há vinte anos na casa de uma família de classe média alta, que reside na zona sul, em um bairro próximo à escola do filho. Durante a entrevista, esta mãe nos descreve a boa relação que tem com a dona da casa, que sempre permite que ela se ausente do trabalho para ir às reuniões da escola e que costuma estimular a educação do seu filho⁵⁷.

Seis mães (*Deise; Adriana; Flávia; Joana; Paula e Estela*) matricularam os filhos em cursos preparatórios para ingresso no ensino médio. *Tereza* (42 anos, enfermeira) disse que os filhos optaram por não fazer este tipo de curso, porque não teriam como se dedicar ao atletismo e *Úrsula* (43 anos, dona de casa) nos disse que pretende inscrever a filha neste curso. Em alguns casos, a iniciativa vinha da própria família, e em outros a escola havia indicado a concorrência a bolsas ou a gratuidade nestes tipos de curso, alguns oferecidos por escolas privadas da região.

Entre as formas de acompanhar os estudos dos filhos, examinar e cobrar as notas tornam manifestas as exigências e anseios das famílias em torno da escolarização. Sete entre as oito mães entrevistadas nesta escola pública exigiam notas mínimas, acima de 7,5 (sete e meio)⁵⁸. Para as mães desta escola pública, mais do que simples valores, as notas representam a possibilidade de estudar em uma escola privada gratuitamente. Para o ingresso nas boas escolas públicas de ensino médio, o histórico escolar não representa um requisito. Estas famílias reconhecem também a importância e o peso que o histórico escolar do aluno da escola pública passa a adquirir no ingresso às universidades públicas ou particulares:

Úrsula: A nota dela em matemática caiu um pouco. Ela estava com sete no primeiro bimestre aí ficou com cinco. Aí já me alerta. Bom, alguma coisa não tá legal. Porque ela sempre foi nove, oito, no mínimo oito. [...] Mas houve uma mudança de professor, talvez tenha sido isso, também. Mas eu falei com o coordenador. Ele me disse o seguinte: “A nota não importa muito, o que importa é o conteúdo. Se ela está sabendo a matéria mesmo.” Mas foi uma resposta que eu, como mãe, não estou muito satisfeita não. Não me convenci porque a nota vem ali no boletim. E mais tarde pode influenciar caso ela consiga sair daqui, ser indicada pra algum lugar, pra alguma bolsa, vão ver lá aquele cinco. Estou alerta porque eu não quero que ela saia daqui com nota baixa, não.

⁵⁷ À época da entrevista, *Joana* se preparava para voltar a estudar.

⁵⁸ Somente *Estela* (responsável legal, 76 anos) irá apresentar expectativas medianas em relação ao neto, não apontou uma exigência específica em relação às notas.

Não se trata somente das notas adquiridas pelos filhos, estas mães querem garantir o aprendizado dos conteúdos. Mesmo sabendo da qualidade da escola pública na qual seus filhos estão matriculados, estas mães conhecem outros problemas da escola que impedem que os filhos avancem na aprendizagem de alguns conteúdos, sejam básicos ou mais complexos. As mães sabem, por exemplo, que a exigência das avaliações oficiais da Secretaria Municipal de Educação está aquém dos conteúdos exigidos nas avaliações das escolas, tais como Pedro II, CEFET e outros:

Adriana: [...] Eu sempre falei com elas: Minhas filhas, vocês não podem se contentar só com o que a escola oferece. Por exemplo, às vezes, eu chegava num determinado ponto em ciências. Quando tinha prova, a professora tá dando isso, eu sempre dava mais alguma coisa pra elas, entendeu? [...] oferecia mais livros pra ler, pra pesquisar. Eu falei assim: A gente não pode também só ficar no limite da escola também, não. Você tem que procurar mais alguma coisa pra saber.

Você considera o seu filho um bom aluno?

Quando perguntamos aos pais se eles consideravam seus filhos bons alunos, o objetivo principal foi obter relatos adicionais das rotinas de forma indireta, bem como ter características das expectativas que os pais possuíam sobre a escolarização e o investimento que fazem diariamente neste sentido. Mais da metade das mães entrevistadas (*Tereza; Adriana; Deise; Paula; Úrsula e Flávia*) nesta escola pública disseram que os filhos sempre foram bons alunos⁵⁹. Apenas *Flávia* (44 anos, vendedora ambulante) disse que a filha é boa aluna, mas que tem apresentado problemas recentemente. Ao analisar as falas, é recorrente o uso de expressões “sempre foi bom aluno”, “faz tudo sozinho”, “tem responsabilidade desde cedo”.

Tereza: [...] eu conheço meus filhos, eles são duas crianças estudiosas. Eles não ficam acumulando matéria, eles sempre estudam. É prova? deixa de ir ao treino. [...]. Eles pegam rápido. É como eu falei, eles prestam muita atenção. Às vezes eles nem estudam pra prova. É o que o professor dá em sala de aula. [...] Eles nunca faltam. Isso é deles mesmo. Até às vezes quando tem um tempo de aula eles vêm pra escola. Às vezes eu falo assim: Meu filho, tá chovendo muito, não vai não. Só tem um tempo. Não mãe, eu vou. Eles são muito responsáveis. Até às vezes acho demais.

Estas expressões utilizadas pelos pais podem levar a uma falsa conclusão de que este hábito seja algo natural, um dom ou característica nata destes meninos e

⁵⁹ Aqui novamente convém lembrar sobre o viés que se configurou pelo fato destas mães terem se voluntariado durante as reuniões de pais. Trata-se de famílias que proporcionam um ambiente favorável à escolarização e cujos filhos costumam apresentar bom rendimento.

meninas. Ao mesmo tempo podemos identificar, não somente na descrição destas falas, mas nos gestos e expressões das mães durante as entrevistas, uma postura de vigília, de olhar atento.

Esses oito alunos aos quais nos referimos nesta análise são considerados bons alunos, alguns estão entre os melhores, outros são considerados apenas “bons alunos”, mas sobre todos eles há altas expectativas de ingresso em boas escolas. Duas mães (*Joana e Estela*) fizeram ressalvas importantes, quando perguntadas se os filhos eram bons alunos, indicando dois tipos de comportamento nas famílias, o de nível de exigência alto sobre o rendimento escolar (considerando que o filho poderia estudar mais) e a consciência de problemas recorrentes de compreensão em determinadas disciplinas.

Entrevistadora2: Como assim, ele é relaxado?

Joana: Vou fazer, vou fazer, vou fazer. Faz tudo na última hora, mas faz, entendeu? Demora, mas faz. [...]. Não sei muito porque quando eu estudei há quinhentos anos era uma coisa, hoje evoluiu muito, então não dá acompanhar e eu senti que ele estava com notas baixas. Eu o coloquei num curso. É porque, pra dar uma força, né? Eu falo: Não sei. Presta atenção na aula porque eu não sei te ensinar, então é você e você. Aí coloquei ele no curso e acredito que ele tenha se recuperado um pouquinho.

Joana, que só tem o ensino fundamental e que sempre trabalhou como empregada doméstica apresenta não somente a postura atenta sobre a escolarização, mas demonstra estar sensível aos interesses do filho, que sabe, podem trazer vantagens futuras a vida do filho:

Joana: Eu acho que ele é um pouco lento assim. Ele é esperto em algumas coisas, mas pra aprendizagem ele é lento.

Entrevistadora2: Em que ele é esperto?

Joana: Esse lance de computador, de montar jogos, de... Ele tem uma habilidade muito grande. Foi o ano retrasado: Você compra o jogo de tabuleiro de xadrez pra mim? Eu falei assim: Xadrez? É porque eu aprendi a jogar xadrez. [...]. Se inscreveu, porque aqui tem um negócio de xadrez [...]. Quando chegou o final do ano ele foi para o xadrez lá em Cascadura. Lá fui eu, peguei trem, fui com ele.

Entrevistadora2: Tiveram torneios?

Joana: E aí ele foi dois anos, representando a escola.

Esta escola pública incentiva a prática do jogo de xadrez durante os intervalos, recreio e aulas vagas. A infraestrutura para o jogo na escola é simples, mas há torneios previstos no calendário, os alunos aprendem as regras do jogo e os mais experientes passam a ensinar outros alunos, se tornando ‘juízes’ dos campeonatos que

ocorrem na escola. Para *Otávio*, filho de *Joana*, o aprendizado do jogo de xadrez se tornou possível graças à escola. *Joana*, por sua vez, apoiou o novo aprendizado:

Joana: *Otávio*, e aí... Papai Noel vai vir, você tem que escolher três presentes pro Papai Noel escolher o mais barato [risos]. [...]. Aí ele escreveu a carta e botou na árvore. Eu abri, quando vi: Jogo de xadrez, jogo de xadrez, jogo de xadrez. Eu falei: *Otávio*, não entendi? Não. Tem que ser profissional, mãe. Porque agora eu já sou profissional. [...] ele adora. Quer dizer, uma coisa que me surpreendeu porque xadrez é muito difícil e ninguém da minha família sabe, não mexe. É raciocínio. É cálculo.

Toda a entrevista desta mãe ilustra a postura de um empenho indireto à escolarização. A consciência de que não é possível para ela, compreender os conteúdos escolares e ensinar ao filho não a impossibilita de estimular outras habilidades, que sabe reconhecer como distintas. Este tipo de comportamento, que denota “a boa vontade cultural” já foi caracterizado por trabalhos, que são referência na sociologia da educação (Bourdieu, 1989; Singly, 2007). Estes trabalhos apontam que não é evidente que a boa vontade (cultural) presente entre as famílias para a escolarização e outras atividades (culturais, esportivas) seja só característica das camadas médias. Com atenção para o sentido que o termo “camadas médias” pode assumir, ao pensarmos na configuração de diferentes graduações nas camadas sociais e no aumento do poder aquisitivo das classes C e D no Brasil e com a crescente valorização da educação por estes grupos (Souza & Lamounier, 2010). Nesta escola pública, identificamos propensão à promoção e apoio às atividades escolares e culturais, em um movimento de valorização, a despeito do nível de escolarização das famílias e com resposta positiva entre pais e alunos a estas iniciativas.

Quais são os seus planos para a vida escolar do seu filho no ano que vem?

Perguntamos da mesma forma às mães da escola pública quais seriam os planos para a vida escolar dos filhos, em especial para o ano seguinte. As oito mães entrevistadas expressam de diferentes maneiras que decidem *junto com os filhos* os planos de futuro para o ensino médio e a continuidade dos estudos. Todas aspiram que os filhos consigam vagas nas escolas públicas federais de formação geral ou de ensino técnico, além de bolsas integrais nas escolas privadas. Fazer cursos técnicos, estudar em colégio militar ou seguir carreira militar (polícia, bombeiro, forças armadas) aparece como expectativa maior entre

as mães de meninos. Ao analisar os depoimentos das mães fica difícil delimitar os limites da ação entre escolher *pelos filhos* e escolher *com os filhos*.

Ainda que haja espaço para a negociação com os filhos, estas mães indicam, muitas vezes, mesmo antes do ingresso ao nono ano do ensino fundamental, quais as opções que os meninos e meninas têm e o que devem buscar para o ensino médio, já pensando nas universidades e nas profissões que querem cursar. Diante do capital informacional, apresentando uma gama de informações sobre as boas escolas de ensino médio, podemos levantar a hipótese de que nestas famílias a opinião dos pais (mães) tenha um peso maior nesta decisão, gerindo o panorama de possibilidades dos filhos. Os depoimentos de *Adriana* (Mestre em Química) e de *Joana* (40 anos, empregada doméstica) demonstram como estas famílias estão informadas sobre a oferta de ensino:

Adriana: A mais nova, eu estou dando incentivo pra ela poder ter uma coisa boa pro segundo grau. Então eu estou proporcionando coisas pra ela poder ter condições de fazer um concurso e ser promovida pra uma boa escola. [...] eu sempre estou procurando...

Joana: Eu gostaria do Pedro II. Ou ir lá pra Fundação Bradesco ou qualquer federal também seria bom. Ele vai fazer pra todas as escolas.

Entrevistadora2: Onde ele quer estudar?

Joana: No Pedro II.

Há leve tendência entre as mães em respeitar as escolhas dos filhos, como é expresso na fala de *Úrsula* (43 anos, dona de casa), de que não estão dispostas a aceitar determinadas escolhas, como cursar o ensino médio numa escola pública estadual, por exemplo:

Úrsula: Porque o Estado, não! [...]. Para mim tá falido. A educação faliu no Estado. Porque eu conheço muita criança, inclusive amigos dele, do meu filho, que ano passado mesmo, viviam em casa. Não tinha aula. Faltava muito professor. Eles iam pra quadra de futebol e ficavam jogando. Até hoje eu vejo quando eu passo na praça [...].

Identificamos alguns limites e dilemas entre a preferência pelo ensino público e o ensino privado. O depoimento de *Teresa* (42 anos, enfermeira) também demonstra a preocupação dos filhos, com trajetória integral no ensino público, se passarem a frequentar escolas privadas.

Tereza: Nada contra escola particular, mas eu acho que tem escolas públicas boas, e que se tivesse que escolher entre essas escolas boas e a escola particular,

preferiria a escola pública. Porque pra gente... Eu vim de escola pública, os meus filhos vieram de escola pública. [...] E eu conheço várias coisas de escola particular e faculdade particular, que é aquele velho ditado: Pagou, passou. Eu não quero isso para os meus filhos. Eu quero que eles tenham um bom conteúdo.

Tereza acabou mudando de ideia mais tarde e seus filhos foram para uma escola privada tradicional onde haviam conseguido bolsa integral e ajuda de custo (passagens, uniforme e material escolar) num bairro próximo a casa deles. Esta mãe me ligou pra contar sobre o desempenho dos filhos nas provas e que os meninos tinham conseguido as vagas sem frequentar cursos preparatórios.

Os pais desta escola pública parecem interferir na decisão de forma mais ativa, direcionando as opções ou mesmo as limitando. Este horizonte de escolhas dos meninos está dentro de um horizonte de possibilidades demarcado socialmente (Bourdieu, 2011a), onde se procura, acima de tudo, aproveitar as oportunidades que aparecem, a facilidade de se frequentar um curso, uma indicação para uma bolsa, um desconto oferecido, uma oportunidade de estágio.

Entrevistadora1: Pra quantos colégios você vai fazer?

Clarisse: Pedro II, CEFETEC. CEFET. Aí vou ver a Fiocruz também.

Paula: Fiocruz. Aí ela já fez no Pedro II. Quando você fez a prova, *Clarisse*? Um mês atrás, né?

Clarisse: Do ISMART⁶⁰?

Paula: É. Ela fez a prova do ISMART, para o PH, que também dá bolsa de estudos.

Parece não haver tranquilidade nas escolhas, principalmente quando comparadas com as escolhas dos meninos/meninas da mesma idade da escola privada pesquisada. Estas mães na escola pública apresentam uma atitude atenta, desde as séries iniciais do ensino fundamental, pensando desde muito cedo na inserção escolar/profissional dos filhos, como vimos nos depoimentos anteriores. As notas nas disciplinas, o comportamento na escola, a relação com os professores que trazem oportunidades⁶¹ para os filhos são levados em conta desde muito cedo. Posteriormente, analisaremos como os alunos gerem estas expectativas das famílias.

⁶⁰ O ISMART - Instituto Social Para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos oferece programas para apoiar jovens, com baixos recursos financeiros. Um destes programas é o Projeto Bolsa Talento, direcionado para alunos que estejam cursando o 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas ou particulares. Os alunos selecionados ingressam no primeiro ano do ensino médio das escolas particulares parceiras com bolsas de estudos integral, incluindo mensalidade, material escolar, alimentação e transporte.

⁶¹ Muitos professores da escola pública têm contatos e indicam pessoalmente as vagas em cursos preparatórios.

Apenas uma das mães demonstrou deixar mais livre à filha, a escolha da escola a se cursar no ensino médio: “É ela que sempre quer tudo”, diz *Flávia* (44 anos, vendedora ambulante). A principal escolha da filha referia-se a uma escola técnica federal, reconhecida pela qualidade e por encaminhar a maior parte de seus alunos para os cursos de engenharia nas universidades públicas. Esta mãe, que é vendedora ambulante e que assume a baixa escolarização, nos conta depois que a filha quer fazer prova para a maior parte das boas escolas de ensino médio. A sua atitude chama atenção, nas disposições que ensina à filha há empatia e estímulo:

Flávia: Eu nunca cheguei pra ela e disse assim [...]. Ela que ir pro CEFET. Ah, eu quero que ela vá para o melhor que ela possa. [...] Ela vai fazer pra todos os colégios. Já se inscreveu no Pedro II, falta o CEFET e CEFETEC. [...] uma menina chegou e falou: CEFET? Todo mundo quer. Ela falou: Mãe, você viu aquela pessoa? Eu falei: Tá vendo, filha? Uma pessoa negativa, ela não acredita pra ela, ela não acredita pra ninguém. Ela acha que ela não é capaz, ninguém mais é capaz. Mas não é bem assim. [...] As pessoas são iguais? Você não se importe se o da esquerda está falando, se o da direita tá falando. Faça a sua parte. [...].

Outros depoimentos ilustram a dinâmica destas escolhas. O marido de uma das mães (*Deise*, bacharel em música, 45 anos), que não foi entrevistado, mas com o qual falei ao telefone durante a marcação da entrevista da *Rafaela*, expressou sua preferência por uma escola particular tradicional, situada na zona sul. Na sua fala é considerada a companhia dos colegas e as amizades que a filha pode fazer nesta escola, o que poderia “ampliar seus horizontes”. *Deise*, no entanto, gostaria que a filha estudasse no Colégio Pedro II, do Humaitá. *Úrsula* (43 anos, dona de casa), que já teve a experiência do filho mais velho conseguir uma bolsa em uma escola privada⁶² e não permanecer por ter sido reprovado em uma disciplina no primeiro ano do ensino médio, pondera se seria bom para a filha (*Sabrina*) ir para esta escola, mas vislumbra a possibilidade, tendo em vista a personalidade da menina:

Úrsula: Olha, eu acho, por experiência que eu tive com o [cita nome do filho], eu gostei. É muito forte pra ela, eu sei disso, mas seria um desafio, como foi pro meu filho.

Entrevistadora2: Seu filho se deu bem com os colegas desta escola ou sentiu muita diferença?

Úrsula: Teve diferença. Apesar de que ele é muito tímido. Ele é mais tímido do que ela. Ela não teria muita dificuldade, não. [...] Para o jeito de ser dela, eu acho que daria certo, sabe?

⁶² Uma das mesmas que continua a oferecer bolsas, inclusive com cursos gratuitos aos sábados para os alunos desta escola pública.

Paula (40 anos, diarista) diz preferir um colégio particular, conhecido pela grande aprovação que seus egressos obtêm nas universidades federais. Um dos critérios desta escolha é o fato dele ser localizado bem próximo de casa.

Paula: Claro que eu gostaria de ver a *Clarisse* estudando no [cita nome da escola]. Do lado de casa, pertinho daqui. É na esquina e lá é ótimo. Sei que ela vai ter que batalhar muito. Estando lá dentro eu sei que a coisa é feia. Tem que estudar muito. Mas vale a pena, né? [...] Conseguir uma boa faculdade.

A mãe demonstra ter consciência de que a filha precisa batalhar muito para frequentar esta escola, reconhecendo que a menina, apesar de excelente aluna na escola pública, vai apresentar defasagens em comparação com os outros estudantes desta escola privada. Mesmo sabendo dos obstáculos, *Paula* deseja e estimula que a filha estude ali. *Estela* (76 anos, responsável legal) diz não dar preferência a escola privada, nem com a possibilidade de obter uma bolsa integral. Ela leva em consideração outros gastos com a escolarização, que não poderia arcar:

Estela: Pras escolas particulares eu é que não quero. Mesmo com bolsa. [...] Não é só puxado dependendo da escola. Mas eu acho que financeiramente, eu não gostaria. Porque mesmo tendo a bolsa, mas você tem uniforme, você tem a parte de... O meu filho também quer mais um curso técnico. Nem o Pedro II, mesmo...

Apenas uma mãe cogita que o filho trabalhe ao mesmo tempo em que frequente o ensino médio:

Flávia: No Pedro II, ela se inscreveu à noite porque ela pretende trabalhar à tarde. Até mesmo comigo, na minha barraquinha.

Entrevistadora2: Trabalhar em quê? Te ajudando?

Flávia: É! Na minha barraca pra me ajudar. Com duas pessoas fica mais fácil, né?

Voltando ao *survey*, vimos que nesta escola pública, 56,1% dos alunos diziam pretender apenas estudar no ano seguinte, o valor encontrado para este item no conjunto de escolas públicas investigadas foi de 36,2%. 31% dos alunos pretendiam estudar e trabalhar, enquanto 53,5% pretendiam fazê-lo em outras escolas públicas (Ver quadros 5 e 6, no capítulo 2).

O *habitus* escolar se estrutura também em vista das expectativas das famílias. Nas falas destas mães não pode ser identificada uma relação com o estudo associada ao prazer e a realização pessoal, como vimos nos depoimentos dos pais da escola privada. Sempre quando conversávamos com mães e alunos da escola pública, ouvíamos expressões do tipo “este é o ano dos concursos”, “este

ano é decisivo”, “este é o ano de dedicação total”. Muito estava em jogo para estas famílias, que sabem a importância do ensino médio para a conquista de uma vaga nas universidades públicas e para as bolsas nas universidades privadas. Conquistar um bom ensino médio significa aumentar as chances para uma melhor inserção profissional. Nesta lógica, se ensina que desde muito cedo que já é o momento para se tomar decisões importantes. Ainda que no conjunto das oito mães entrevistadas na escola pública, apenas três tenham ensino superior, duas mães tenham cursado o ensino médio e a maioria delas (cinco) tenham cursado apenas o ensino fundamental, sendo uma de forma incompleta, uma atitude de encorajamento à escolarização e estímulo à superação, foram identificados em todas as falas. A despeito da formação escolar e dos diferentes constrangimentos sociais, vimos que estas mães desenvolveram estratégias interessantes para potencializar as chances de ascensão social dos filhos.

Nota-se também, que as famílias estão distribuídas territorialmente no entorno da escola, moram e trabalham no mesmo bairro ou em bairros próximos. Isso é um fator importante, como defendem alguns estudos que investigam o contorno das desigualdades sociais escolares (Costa e Koslinski, 2012; Bonamino *et al*, 2010, Alves, 2010) para a obtenção de informações escolares importantes, que envolvem desde a escolha da (melhor) escola, ao acesso a outras oportunidades (escolares, esportivas, culturais). Sobre este aspecto, outros estudos (Koslinski e Alves, 2012; Ribeiro e Katzman, 2008) analisam a relação entre o local de moradia e os resultados escolares, com atenção para a “segregação residencial” e a “geografia de oportunidades”, demonstrando a importância de se considerar situações, como as que ocorrem na cidade do Rio de Janeiro, na qual existe uma “proximidade territorial de atores que ocupam posições sociais distantes” (Koslinski e Alves, 2012: 806). Tais aspectos, à luz da sociologia urbana, têm contribuído para a análise de outros fatores importantes sobre a distribuição de oportunidades escolares, levando em conta que a composição socioeconômica do bairro também condiciona as trajetórias escolares. Na escola pública que investigamos, temos visto os efeitos das oportunidades que literalmente batem à porta, bolsas parciais nos cursos preparatórios, bolsas integrais em escolas privadas, auxílios dos mais diversos. Além disso, o fato desta escola estar situada em uma área nobre da cidade pode estar potencializando as oportunidades (uso de espaços das universidades, acesso às bibliotecas

universitárias, apoio das Forças Armadas, cedendo espaços, etc., conforme nos descreveu a diretora da escola⁶³) que aliadas às interações que as famílias estabelecem no ambiente de trabalho, explicam parte importante da construção das disposições escolares – habitus escolares – destes alunos.

Num sistema educacional desigual como o do município do Rio de Janeiro, muitos aspectos devem ser levados em conta na construção das disposições escolares. Sobre este aspecto, é importante enfatizar a forma como esta escola pública impulsiona os alunos para a conquista das vagas nas boas escolas, encaminhando para cursos e outras oportunidades e o volume de informações que chega a esta escola diariamente, como a presença de representantes da secretaria de educação para diferentes convites, como a participação em provas e concursos, indicação para prêmios. A escola também lida com a presença de representantes de escolas particulares e ONGs, oferecendo oportunidades e parcerias, além da rotineira presença de pesquisadores universitários. Uma gama de oportunidades, então, é encaminhada aos alunos que tem potencial para conquistarem as vagas nas melhores escolas. Estes alunos atuam como perpetuadores da imagem de qualidade desta escola. A fala do então coordenador pedagógico reitera esta característica sobre a imagem de qualidade, que não deixa de apresentar problemas com uma clientela, que em sua opinião, vem se diversificando:

Coordenador: É assim, a gente tem uma realidade aqui [...]. A [cita nome da escola] vive de uma fama que foi construída ao longo de anos e tal, e a clientela mudou bastante. [...]. A escola tem um nome, tem uma força, os pais da comunidade ao redor, eles acreditam que colocando aqui na escola os filhos deles tem jeito. Então, a quantidade de alunos com problemas de disciplina, enfim, que tem entrado na escola é uma coisa assim, absurda. E aí, obviamente, que a qualidade da escola vem caindo muito. Isso ainda não se refletiu em termos de IDEB. [...]. É porque a gente tem um grupo aqui que a gente consegue, entre aspas “segurar a escola”, mas pelo lado comportamental, pelo lado disciplina, está muito difícil. Até porque os pais eram muito mais participativos e agora não estão.

Os pais que entrevistamos fazem parte desta clientela que o coordenador identifica como “pais participativos”, “grupo que segura a escola” e que conseguem encontrar nesta escola pública um ensino com o mínimo de qualidade que aspiram. Na manutenção desta qualidade, uma postura de reivindicação destes pais, que

⁶³ Tivemos a oportunidade de observar algumas reuniões e a formatura dos alunos do nono ano, que ocorreu em um auditório cedido pelo Exército Brasileiro.

precisam lutar através de cobranças, pela assiduidade e substituição de professores de diferentes disciplinas, a inserção de notas nos boletins, entre outros aspectos.

Até o final do ano de 2011, quando terminamos as observações nesta escola, vimos afixado em um mural, o resultado dos alunos aprovados no Colégio Pedro II. Todos os meninos e meninas entrevistados, além de outros alunos do nono ano de diferentes turmas haviam passado nas provas, um tendo gabaritado e outros, atingido notas altas. Até o final do ano, soubemos que muitos dos alunos com quem conversamos haviam também conquistado vagas em outras escolas, públicas e privadas.

5.3

***Habitus* e disposições: Famílias e escolas em colaboração**

A análise das entrevistas com estas famílias nos direcionam a formulação de algumas hipóteses, que podem nos auxiliar a compreender o contexto de formação do *habitus* escolar nas escolas investigadas. Identificamos padrões de comportamentos nas famílias destas escolas, que parecem se relacionar com a constituição das disposições para o estudo.

Para as famílias da escola privada, a instituição escolar não está conseguindo ensinar algumas disposições para o estudo, disposições estas que para a escola, as próprias famílias deveriam ensinar. Os tipos de disposições escolares que estas famílias parecem estimular são perceptíveis nas críticas e exigências que a escola privada vem fazendo. Há a ausência de uma rotina de estudos consistente, muitos pais não sabem informar detalhes sobre as rotinas de estudos dos filhos, mesmo aqueles que trabalham em casa ou que tem maior tempo disponível para monitorar as tarefas.

Por outro lado, identifica-se interesse pela leitura entre pais e filhos. Nas casas destas famílias, observamos uma grande quantidade de livros disponíveis, espaços reservados para estudo, *home office*, acesso *wi-fi* a rede de computadores. Nos quartos dos meninos e meninas, livros, televisão e computadores pessoais disponíveis. A maioria destes pais indica que os filhos tem interesse pela leitura, conversam sobre diversos assuntos e apresentam excelente “cultura geral”, mesmo entre aqueles que apresentam algumas dificuldades na escola.

Na rotina doméstica, é comum ter atividades simultâneas, fazer tarefa de casa e estar no computador ou assistir televisão, e os pais da escola privada parecem não exercer muita influência, no sentido de fazerem prevalecer a sua vontade em relação à estruturação destas atividades. Ainda sobre este aspecto, assim como relatado pelos profissionais desta escola (Capítulo 3), identifica-se uma espécie de autoridade argumentada. Há relatos dos pais da escola privada que evidenciam um não acompanhamento ou um acompanhamento distanciado, verifica-se uma postura mais relaxada em relação aos estudos, esperando que os meninos e meninas tenham atingido autonomia, embora estejam presentes dificuldades na rotina, filhos que dormem tarde e que tem dificuldade para levantar cedo, o não cumprimento de tarefas e outras questões também foram enfatizadas.

Nos depoimentos dos pais da escola privada, identificamos um esforço para estimular o desenvolvimento de um expediente acadêmico, mas também uma dificuldade em ensinar isso aos filhos sendo algo que, sobretudo, se espera que a escola possa fazer. *O que seria este expediente?* Não identificamos alusão ao estímulo de algumas habilidades/disposições, tais como, saber organizar o tempo de estudo e o período dedicado a cada matéria; fazer perguntas; estar focado nas explicações do professor, identificar momentos nos quais é possível se distrair e nos quais é preciso se manter focado. A tendência geral dos pais foi responder a esta pergunta de forma indireta, caracterizando o empenho escolar dos meninos sem desvalorização, mas parecendo buscar entender as novas formas de se relacionar com o ensino, típicas desta geração. Continuaremos a explorar a influência dessa socialização familiar e a relação com outras instâncias (as mídias, por exemplo) na construção das disposições escolares, por meio da perspectiva dos alunos.

Nas famílias da escola privada, o acesso às aulas particulares aparenta ser mais um item de consumo, que se encontra disponível, podendo ser acessado a qualquer momento, ainda que não se tratem de dificuldades de aprendizagem ou de compreensão mais sérias dos filhos. Alguns pais indagam o custeio de aulas à menor necessidade, mas nenhum deles se recusou a fazê-lo. As famílias são menos exigentes com notas e desempenho dos filhos, entendem que as notas não “mensuram conhecimento” e concebem a escola como um local onde se deve aprender mais do que conteúdos, como um espaço onde se deve adquirir fruição cultural e estética, gosto pela leitura e senso crítico.

Qual é a relação destes comportamentos com a construção das disposições para o estudo, para o habitus escolar? A postura ascética e diletante de alguns pais da escola privada contrasta com a valorização de aspectos comportamentais comumente associados às disposições favoráveis ao estudo (como a execução de todas as tarefas recomendadas, aceitação das normas, organização do material escolar, disciplina de estudo). Além disso, não está no horizonte de preocupações da maior parte destas famílias receios sobre o futuro material para si ou para os filhos. A posição de classe destas famílias distingue e modela a constituição do *habitus* escolar. O que importa em termos de aprendizado que a escola pode oferecer esta associada a uma visão de mundo, que consideram mais ampla, ter prazer em um trabalho, saber apreciar novas experiências, ser feliz.

Nas famílias da escola pública, apesar das mães não estarem juntas aos filhos durante a maior parte do dia, as mães apresentam um teor de certeza ao cumprimento de uma rotina de estudos, há controle e monitoramento, com horários estipulados para ver televisão e jogar videogame, por exemplo. Sobre este aspecto, também exercem influência também os limites materiais: ter somente um aparelho de televisão ou um computador para toda a família. Identificam-se poucos comentários das mães a respeito da leitura e uma menor disposição entre os familiares, indicando ser este um hábito pouco sedimentado entre as famílias. Além disso, há pouco estímulo da escola à leitura e uma infraestrutura insuficiente. No entanto, um maior controle e presença de uma autoridade materna estão presentes em posturas atentas e focadas, nas quais se depreende o não relaxamento quando o assunto é o ensino.

Nas famílias da escola pública não há relatos de dificuldades na rotina de acordar e levantar, os filhos são sempre descritos como responsáveis. Alunos são estimulados a fazer perguntas aos professores da escola, a prestar muita atenção nas aulas e a pedirem ajuda a eles em caso de dúvida. As mães da escola pública também reconhecem as dificuldades dos seus filhos e a maioria os matriculou em cursos preparatórios, reconhecendo a necessidade de reforço de alguns conteúdos, mas principalmente como forma de tentar garantir a entrada dos meninos e meninas em boas escolas de ensino médio. As famílias querem ver garantidos os conteúdos escolares, que são utilizados para acessar boas oportunidades no futuro. As mães almejam ver os filhos assumindo boas carreiras profissionais, direcionando todos os esforços que têm ao alcance. Atenção à rotina, estímulo à

disciplina, estabelecimento de uma relação de confiança com os filhos e encorajamento para serem atentos nas aulas são manifestas. Estas mães se antecipam e sabem que é preciso garantir a finalização do ensino fundamental e que todo o ensino médio seja feito em escolas de qualidade.

Os contextos socioeconômicos das famílias da escola pública não possibilitam afirmar como certo um futuro acadêmico, seja pelo baixo/médio capital financeiro, seja pelo baixo/médio capital cultural/educacional. Em vista disso, umas das estratégias mais mobilizadas pelas mães da escola pública foram a concentração de esforços, o fechamento e monitoramento das rotinas dos filhos. A educação escolar é o principal investimento e esperança destas famílias. Há também uma atmosfera em não se contentar somente com o que a escola oferece. As mães disponibilizam livros, procuram cursos, questionam os profissionais da escola a respeito de conteúdos, avaliações e notas, mesmo as mães com menor grau de escolaridade. Sobre o capital informacional destas famílias, questiona-se se advém das famílias ou se tem origem na escola. Alguns indícios nos levam a crer que o trabalho pedagógico realizado por esta escola pública, aliado aos perfis destas famílias levam as mesmas a apresentarem um *senso do jogo* apurado sobre as ofertas e escolhas educacionais.

Por fim, *qual é a homologia entre estas disposições familiares e as disposições estimuladas nas escolas?* Formas de participação indireta na escolarização, como conversas sobre as aulas e as tarefas de casa são apontadas como diárias e acontecem tanto na escola pública quanto na escola privada. No entanto, cabe diferenciar estas ações familiares, na escola privada, por exemplo, são indicados filmes sobre determinado conteúdo escolar, a indicação de livros de literatura pelos pais, ações estas que não são estão presentes na maior parte das relações na escola pública.

A coordenação pedagógica da escola privada manifesta conhecer a realidade dos alunos e isso pode ser evidenciado por muitas impressões das famílias. Na escola pública, percebe-se o empenho do coordenador pedagógico em propor atividades de estímulo às disposições escolares favoráveis ao estudo, no entanto, isso não foi notório nos depoimentos das mães, talvez devido ao pouco tempo de inserção do profissional na dedicação destas propostas.

Na escola pública e na escola privada, os pais confessam não terem mais condições de ensinar, por falta de tempo ou por não saberem explicar

determinados conteúdos. De forma semelhante, há muitos indícios de conversas diárias sobre a escola, a respeito das aulas, da atuação dos professores e do desempenho dos filhos. O diálogo da escola com a família é um aspecto valorizado pelos pais das duas escolas, no entanto, observa-se o contato muito mediado com os professores na unidade privada e uma relação mais próxima e informal com os docentes na escola pública. Na escola pública parece haver mais liberdade em procurar o professor para conversas, os pais falam com os docentes, geralmente sem agendamento prévio e costumam ser bem recebidos na escola. Esta estrutura na escola pública, por outro lado, faz com que essa relação dependa muito da iniciativa das famílias.

As famílias da instituição pública parecem depender muito da escola, na medida em que algumas mães apresentam limitações para o acompanhamento das tarefas escolares, por exemplo. Por outro lado, estas famílias (no papel das mães) são proativas e mantêm as condições materiais e psicológicas (motivação, estímulo à força de vontade, conversas), que munem os meninos e meninas de parte do instrumental necessário para uma experiência escolar satisfatória, aumentando as chances do bom desempenho acadêmico. O que se exige principalmente é o ensino de conteúdos, os pais querem que os filhos dominem assuntos e possuam informações que eles próprios não têm. Ainda, a noção de direito à educação pública de qualidade e o desejo de mais ensino entre estas mães é muito presente. Ao mesmo tempo, a satisfação com a escola não exclui a posição crítica sobre problemas do sistema público de ensino, como a relacionada à cultura do improviso, por exemplo.

Na escola pública, o modo de participação dos pais muda muito, mas o estímulo ao desenvolvimento de um expediente acadêmico permanece, ainda que muitos pais não saibam interferir na forma de estudar certos conteúdos ou auxiliar em leituras, interpretações de texto ou exercícios de matemática, por exemplo. As formas de ajuda se concentram mais na garantia de assiduidade, na checagem do material escolar, “em dar uma passada na escola”, fazer reclamações na Coordenadoria Regional de Ensino – CRE, nas conversas com a diretora e com mães de colegas e outras situações acessíveis a estes pais e que possam garantir indiretamente a manutenção da qualidade do ensino.

Os pais da escola privada apresentam uma concepção de educação/escola ampla, e que não se refere apenas ao ensino de determinados conteúdos, tal

característica é, inclusive, muito criticada por estes pais. A escola, na visão deles deve servir para a ampliação dos horizontes culturais, para instrumentalizar para o saber, para a construção do conhecimento e da crítica. Todas estas impressões nos dão um panorama das desigualdades entre estas escolas, no que se refere às diferenças do público atendido e do serviço prestado.

Observamos também que todas as famílias apresentavam bom *senso do jogo* e o uso de estratégias diferentes para atuarem, adequando de acordo aos perfis de estudantes dos filhos. Nas famílias das duas escolas vemos contextos colaborando entre si, ou seja, famílias ajustadas ao que as escolas requisitam e oferecem; escolas mais ou menos ajustadas aos perfis familiares, com uma identificação entre estas expectativas. Quando este ajuste às condições objetivas das disposições escolares e familiares não acontece, principalmente como pôde ser observado entre as famílias da escola privada, outras características de origem social atuam dando conta das dificuldades escolares. Por isso, identificamos algumas estratégias e atitudes, tais como, mudar de escola no ensino médio, não valorizar notas, disponibilizar oportunidade de ensino em outros países. Na construção solidária entre família e escola na manutenção das disposições escolares nestes dois setores de ensino distinguem-se a característica diletante e ascética das famílias das camadas médias e a marca do sacrifício e superação das famílias das camadas populares

Algumas interpretações sobre a relação escola-família levantam a questão sobre o hiato que existe entre as exigências feitas às famílias pelas escolas e o que cada família pode realmente oferecer à escolarização dos filhos. Aqui cabe caracterizar as contribuições materiais, intelectuais e simbólicas que cada família possibilita ao aluno e que irá estruturar parte importante do *habitus* escolar. *Estaria a escola exigindo insumos que algumas famílias não seriam capazes de oferecer?* Tal expectativa dialoga com outros estudos (Burgos, *no prelo*, 2012; Barbosa e Sant'Anna, 2010) da área educacional, que ajudam a ilustrar, o que defendemos ser a existência de uma expectativa desleal da escola em relação às famílias. Burgos (*idem*) em um artigo, que sintetiza os resultados de uma pesquisa sobre *Gestão Escolar e Territórios Populares*, que investigou a relação entre a escola e o mundo do aluno, traz impressões dos profissionais da escola sobre estas expectativas. Algumas exigências feitas aos pais demonstram o desconhecimento entre estes profissionais sobre a vida do aluno, a profissão e tempo livre dos pais,

vizinhança, entre outros aspectos, que representam conflitos do contrato entre estas escolas e as famílias.

Esta questão se apresenta como um dilema, que tem muita influência na qualidade da educação e na forma como se desenvolve o ensino. Nas escolas públicas que investigamos, ainda que não tenhamos encontrado “indícios de culpabilização das famílias” (Brandão, Canedo e Xavier, 2012), e uma ação consciente da escola para a manutenção do *habitus* escolar, identificamos uma estrutura material e humana que ainda deixa a desejar, prejudica a proximidade com as famílias e a atuação junto aos alunos que apresentam maiores dificuldades.

Na nossa investigação, vimos que a participação na escolarização (*habitus* escolar) é diferente entre as famílias de uma mesma escola. Este engajamento se associa à posição e trajetória social, existindo espaço para problematizar a relação entre a posição dos agentes e o apoio à escolarização dos filhos. Veremos nas entrevistas com os alunos que estes funcionam como agentes importantes para a manutenção da qualidade nas escolas. Eles levam às famílias informações importantes sobre o trabalho dos professores, sobre a convivência com a turma e o clima na escola. O foco na pesquisa com os alunos do nono ano nos possibilitou estes achados sobre o ensino fundamental. As experiências mais ou menos maduras destes meninos e meninas no *ofício de alunos* irão nos ajudar a construir dados importantes para o entendimento das rotinas escolares (em casa e na família) e dos valores que constituem o *habitus* escolar e sustentam a qualidade do ensino.